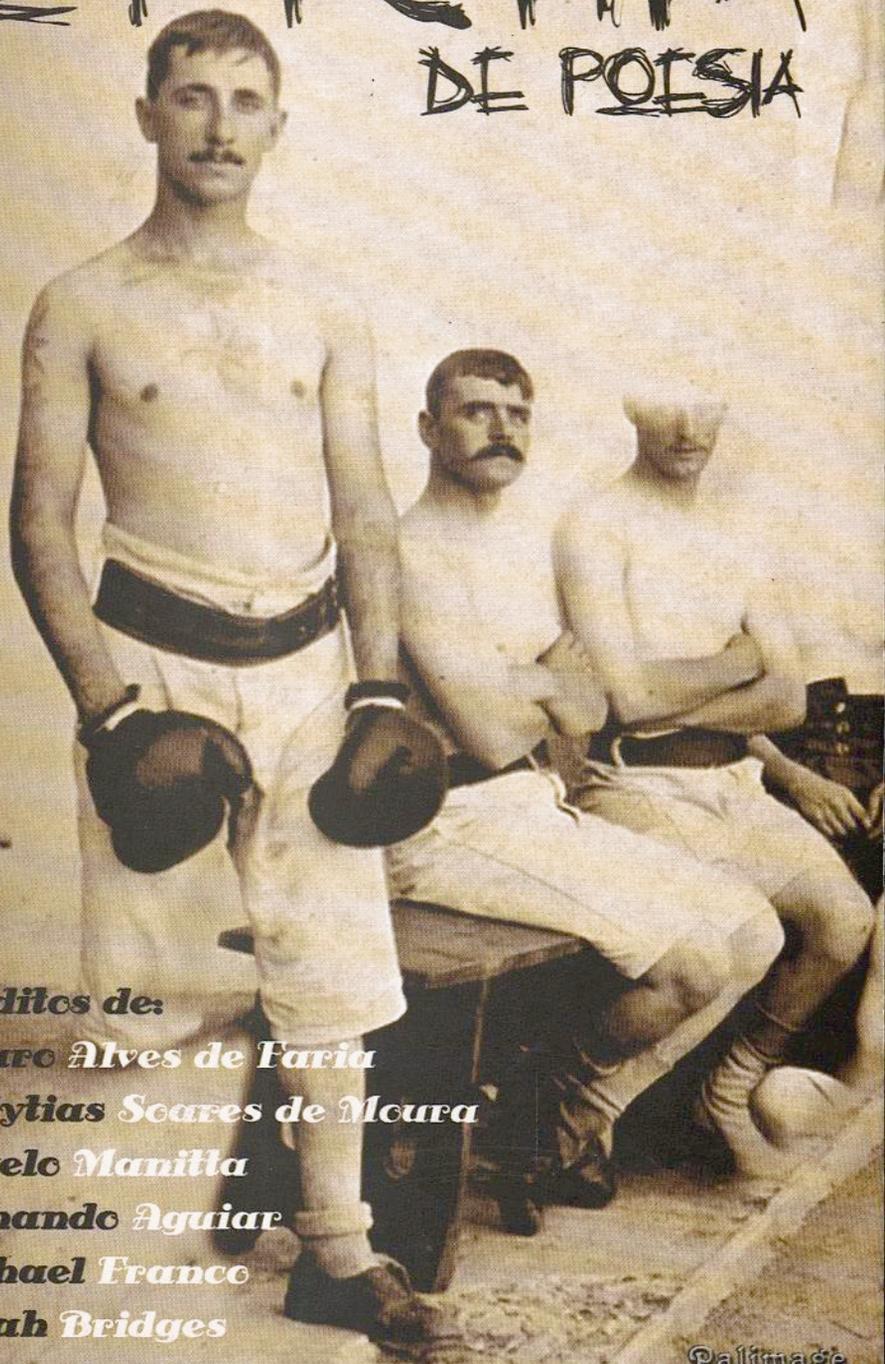


OFICINA DE POESIA



Jnéditos de:

Álvaro Alves de Faria

Andytiás Soares de Moura

Angelo Manilla

Fernando Aguiar

Michael Franco

Sarah Bridges

Alexandre Mestre

***Palimage**
Imagem Palavra*

revista
OFICINA
DE
POESIA

n.º 3
série II

COIMBRA
2 0 0 4

Ficha Técnica

Directora Subdirector	Graça Capinha Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Nande, Jorge Fragoso, Natália Teles Nunes, Susete Fetal
Conselho Editorial	Alcina Marques de Almeida, Ana Braz, Ana Cristina Pereira, Ângela Canez, Cidália Madureira, Hugo Amaral, João Sousa e Sá, Jorge Andrade, Jorge Melícias, Lílina Vasques, Luís Fazendeiro, Luís Miguel Pistola, Margarida Amorim, Paulo Dias, Rita Grácio
Colaboração especial	Álvaro Alves de Faria, Andityas Soares de Moura, Angelo Manitta, Carla Vaz, Carlo Ruas, Cláudia Pinto, daniel matos, Fernando Aguiar, Helka Kähkönen, João de Mancelos, João Maria André, Michael Franco, Miguel Sousa Santos, Porfírio Al Brandão, Rita Maia, Rui Caldeira, Sabrina Cristino, Salgado Amoêdo, Sarah Bridges, Teresa Mota e Alexandre Mestre (fotografia)
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
Capa	Filipe Cravo
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Retoria da Universidade de Coimbra CES – Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 3511-902 Viseu Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt oficinadepoesia@palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	177196/02
Execução Gráfica	Secção de Artes Gráficas das Oficinas de Trabalho Protegido da APPACDM de Braga. Rua da Bouça – Quinta do Amorim, Gualtar 4710-053 BRAGA – Tel. 253 603 270 – Fax 253 679 758

EDITORIAL

Mais um número da Oficina de Poesia que se concretiza. Certo o tempo e mais preocupados com a imagem — a poesia concreta nas imagens de Alexandre Mestre —, não descurando o conteúdo, por vezes tão vasto que se torna difícil seleccionar o melhor e restringir.

OFICINA DE POESIA

revista da palavra e da imagem

Correio, poeta de Angelo Maritza, poeta de R. Correia, e também professor universitário em Paris. Do Brasil, alguns inéditos de Andityas Soares de Sousa, poeta, ensaísta e professor na Universidade de Barbacena. Ainda outra vertente, Alvaro Alves de Faria entrevista Hilda Hilst, uma das maiores poetas brasileiras que "há mais de 30 anos se refugiou num sítio da região de Campinas, no interior paulista, e vive cercada de personagens criados no fundo dos livros" e que, por infeliz coincidência, já não está entre nós. Alvaro Alves de Faria é jornalista cultural, poeta, ensaísta, dramaturgo e ficcionista brasileiro, tendo publicado em Portugal dois livros de poesia e organizado a antologia *Brasil 2000 - Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea* (Atina Azul).

Além destes, participam neste número Fernando Aguiar com poesia visual e concreta; João Maria André, professor de Filosofia, poeta, actor, encenador e actual director do Teatro Académico de Gil Vicente; e Wladimir Henriquez, poeta brasileiro, que dirigiu

Palimage Editores

A Imagem e A Palavra

EDITORIAL

Mais um número da Oficina de Poesia que se concretiza. Certo o tempo e mais preocupados com a imagem – a poesia concreta nas imagens de Alexandre Mestre –, não descurando o conteúdo, por vezes tão vasto que se torna difícil seleccionar o melhor e restringi-lo a pouco mais de uma centena de páginas.

Começamos pelos convidados. Dois poemas inéditos de Angelo Manitta, poeta, fundador e presidente da Accademia *Il Convivio*, e também professor universitário em Itália. Do Brasil, alguns inéditos de Andityas Soares de Moura, poeta, ensaísta e professor na Universidade de Barbacena. Numa outra vertente, Álvaro Alves de Faria entrevista Hilda Hilst, uma das maiores poetas brasileiras que “há mais de 30 anos se refugiou num sítio da região de Campinas, no Interior paulista, e vive cercada de personagens calados no fundo dos livros” e que, por infeliz coincidência, já não está entre nós. Álvaro Alves de Faria é jornalista cultural, poeta, ensaísta, dramaturgo e ficcionista brasileiro, tendo publicado em Portugal dois livros de poesia e organizado a antologia *Brasil 2000 – Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea* (Alma Azul).

Além destes, participam neste número Fernando Aguiar com poesia visual e concreta; João Maria André, professor de Filosofia, poeta, actor, encenador e actual director do Teatro Académico de Gil Vicente; Michael Franco, poeta norte-americano, que dirigiu

durante vários anos o projecto *Word of Mouth*, o qual trouxe a Boston grandes nomes da poesia contemporânea norte-americana para leituras públicas; e ainda, Sarah Bridges, João de Mancelos e Porfírio Al Brandão.

Revelam-se novos poetas do curso de Poética e Escrita Criativa e da Oficina de Poesia, enquanto se continuam a mostrar trabalhos outros que, de forma constante ou intermitente, vêm às sessões de seminário do Curso Livre da Faculdade de Letras, nas noites de terça-feira, na Biblioteca do CES, ouvir, participar na reflexão, desconstruir e reunir, procurando material para a escrita ou respostas metapoéticas. Escrevem, desenvolvem escritas que transformam a realidade da palavra em actualização contínua, mesmo quando esta se afigura estática e vincada por tradições.

Natália Teles Nunes

TANGO

Limpa nossos
cabelos
há ainda
tempo

sabe,
cada espinho
já nasce
equivocado

e quando ansiavas
coisas díspares
alguma coisa se
contorcia.
de prazer.

deixaste
de dizer
as asneiras
habituais

no oculto do
quarto
menores eram tuas
preocupações

porque já não duidavas

tudo que
recrudescu,
firmou-se:
cristal

SEGUNDA LEITURA: ESTA É A HORA

queda
abrupta

de anjos

as tábuas já
encarnadas

atrás do córreo
luzes verdes
brilham
ligeiras
como
um

toque

note então:

era só teu perfume
que intoxicava
o ar

TEMPO DE CHUVA

Para Francisco Álvarez Velasco

“Nu com meias pretas”, de Pierre Bonnard

Duvidas da tristeza.
Em cada coxa, o fim de tudo.
negro é o esplendor da posse

“A casa do enforcado”, de Cézanne

Esgueirar o olfato
luz tingida de sangue.
A parede delinea a tarde:
alcança a boca do céu

“A suplicante”, de Camille Claudel

Cada homem estremeceu,
pois era o gesto carnal
do exílio que surpreendia

Detalhe central do “Juízo Final” de Michelangelo

Som nos ladrilhos, réstia de luz
a pintura se constrói
por armadilhas

“O Sono da Razão produz monstros”, de Goya

É essencial esquecer.
Os pés tocam o barro
esvaziam-se todos os livros.

“Corvos no tragal”, de Vincent van Gogh

Holocausto do olhar.
Algo infinitamente profundo:
o trigo sabe que será colhido

“A Liberdade guiando o povo”, de Delacroix

Riqueza de fonalhas, ancas redondas.
Recordações infantis:
o tempo vos invadirá

“O retorno do filho pródigo”, de Rembrandt

Escorre uma leve certeza do pai:
A escuridão sem fim
não é nada.

“Êxtase de Santa Tereza”, de Bernini

A carne é apenas mais um dos mistérios da fé.
debaixo da pedra: o suor.
a compreensão de que nada é
suave.

Tradução do autor

ORIZZONTE

I funghi crescono oltre la siepe,
cuscino d'astragali sull'orlo
dell'abisso, dove mani s'intrecciano
in uragani di campi

diafani e voli di libellule
sospese nel vuoto, trapassano
aerei crinali. L'orizzonte
è teatro d'infinite

forme. Ma nessuno conosce
i destini degli uomini o i mistici
volti dei prati cosparsi
di anemoni e orchidee,

margherite e miosotidi, iris
e viole, tulipani e verbene,
che ci attendono lassú, próprio lassú,
sulla cima del colle.

HORIZONTE

Os cogumelos crescem além da sebe,
almofada de astrágalos sobre a orla
do abismo, onde mãos se entrelaçam
em furacões de campos

diáfanos e voos de libélulas,
suspendidas no vazio, traspassam
aéreos cumes. O horizonte
é teatro de infinitas

formas. Mas ninguém conhece
os destinos dos homens ou os místicos
rostos pelos prados plenos
de anémonas e orquídeas,

margaridas e miosótis, lírios
e violetas, tulipas e verbenas,
que nos aguardam ali, logo ali,
sobre o cume da colina.

Tradução do autor

SACRIFICIO D'ISACCO

M'avvivo fingendo sorriso,
mentre il sole nitido risplende
tra aridi macigni poggianti
su un cuore frantumato.

Si spegne il moccolo d'una candela.
La scampagnata sull'Ida s'è trasformata
in sacrificio d'Isacco.

E l'universo freme e le stelle
si sciolgono come brina sottile
e le anime impazienti s'accalcano
alla riva sabbiosa

d'un qualunque Acheronte. Ma il viottolo
sfuma sotto i miei piedi e il senno
vola via, trafitto da acute
fogli di ginestro.

SACRIFÍCIO DE ISAAC

Vou-me, fingindo sorrir,
enquanto o sol nítido resplandece
entre áridos penhascos apoiados
sobre um coração quebrado.

Apaga-se o coto de uma vela.
O passeio pelo Ida transformou-se
em sacrifício de Isaac.

E o universo freme e as estrelas
derretem-se como geada subtil
e as almas impacientes se amontoam
na margem arenosa

de um Aqueronte qualquer. Mas a vereda
desaparece sob os meus pés e o juízo
foge rápido, trespassado por agudas
folhas de zimbro.

Tradução do autor

DOSSIER DE ISAAC

SACRIFICIO DE ISAAC

de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro

Vou-me fingindo ser
enquanto o sol hito respaldos
entre áridos penhascos azuis
sobre um cenário desolado.

Apaga-se o calor de uma vela
O passo pelo ibe a estomago
em sacrifício de Isaac.

Apaga-se o calor de uma vela
O passo pelo ibe a estomago
em sacrifício de Isaac.

E o universo freme a as estrelas
doce e ardente como o sol
e as almas impávidas se amontam
na margem atrevida

E o universo freme a as estrelas
doce e ardente como o sol
e as almas impávidas se amontam
na margem atrevida

de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro

de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro
de um adorno de ouro

Tradução de autor

1977
1978



rr
ss
s
uu
eee: uuuu
m : u v
m : www
nn. z z
nnn ; bbb







mil novecentos e oitenta e cinco

nesse tempo, deus existia ainda
e tudo quanto era frágil respirava
loucamente

no bar da escola,
as bandas tocavam
para os cleptomaníacos do coração

nas traseiras do ginásio,
treinavam-se beijos à serpente
e cigarros orientais

os rapazes cresciam
com olhos prateados
e duros totens de carne

debaixo das saias das raparigas
havia flores rasgadas
e sonhos de cavalos bravos

forever young, só o vento
— e as revoluções do amor
que beijo a beijo atraíçovamos



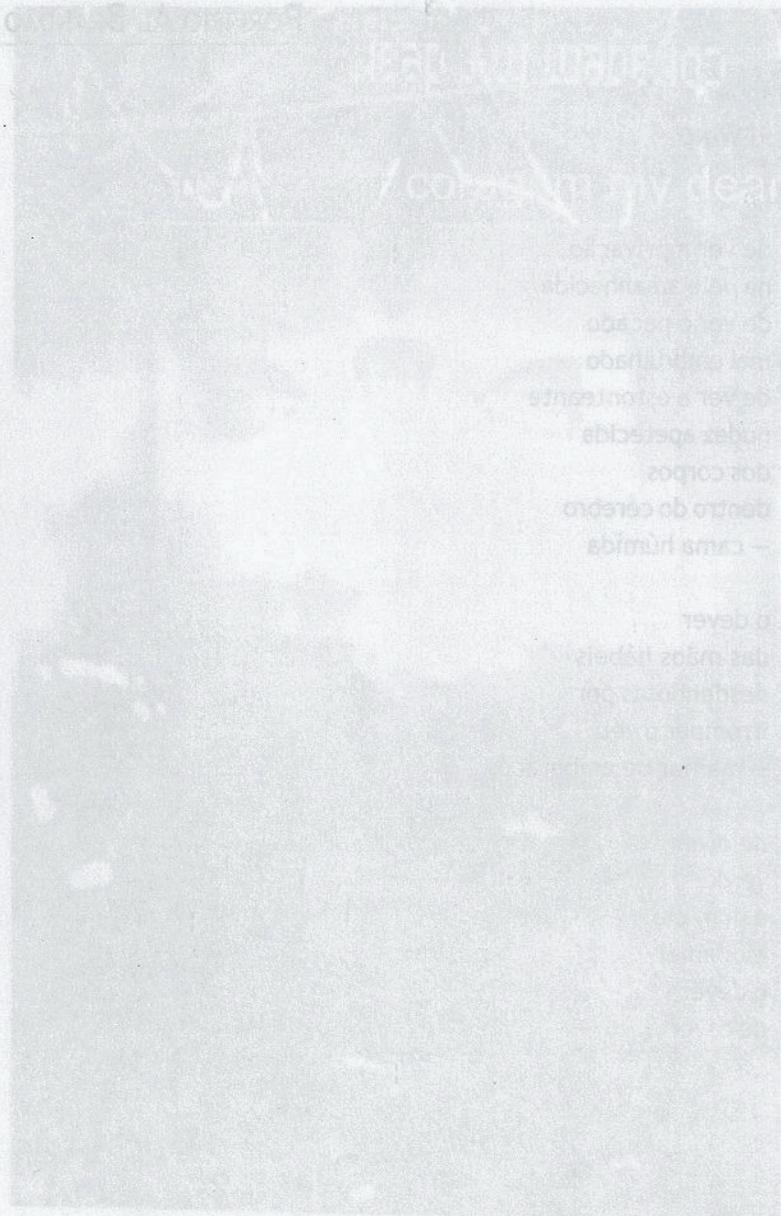
Coragem, Alexandre Mestre

REWIND

de ver a privação
na pele amanhecida
de ver o pecado
mal embrulhado
de ver a estonteante
nudez apetecida
dos corpos
dentro do cérebro
– cama húmida

o dever
das mãos hábeis
desdenhosas por
irromper o véu
– manjar de embaraços

de o ver
verde
o mar, ela
elo, amar
o dever
de rever



1978
10/10

Copyright, All rights reserved

CSG

FROM A BOOK OF MEASURE

VOL. II, *THE BOOK OF THE NIGHT SKY*

8TH CIRCUMFERENCE [OPENING]

stunning. the tremendous resemblance of fact that remains in the
exquisite.

night tumble of stars reveals axis. still air prior to dawn. still as in
the moments of air that resound amongst early spring leaves.

unexpected departures. old souls. young hearts

ignorance is a facsimile of what the real in Truth can sing. lost that
a translation was made and garbled.

she stood and held each round word and choked on a moist trace
that developed at the corner of her mouth. each word damp with
mis-use emerged in a catchy tune that clung to heart and mind until
even the air grew stale

so easy is ignorance that only the corner of the mouth will hesitate
at its retelling – which lingers as the memory of a strange kiss does.

generation of dried seed blowing or carried by imperceptible breath
of wind scattering across the dry dug of a field still tended by would-
be farmers still hoping for the return of what in Histories gets
described as rain.

generously the past presents itself to the present. a quick turn at
the mirror turns up a new face-hesitant itself looking back.

so the vault of the years is no true arch but arcs across our present
in quick illumination twisting to long branching color then colors
until the sky-now specific returns us to the covenant of our own
moment in Time.

life dreams. merrily merrily reflecting in small degrees this liquid
bridge that carries us ever further upon the sea of days we so
ungainly cross until as light as sound we are drawn up in a release
that we regard or regret or recoil from and yet in Truth can not
imagine. no Traveller borne and so it rains or begins to.

mindful as an overborne ship at sea ever in danger of foundering.
only the Stars remain fixt riding upon the illusion of a circling sky.

so Night brings a certain rest or respite as well as fear. thus with
certainty or continuity a predictable darkness remains a constant.

a moth otherwise free to roam the sunless sky blindly obedient to a
transient light.

life

half-way between thought and paradise

dreams

Time glances off the shoulder of a year and collects as shadows at our feet. leaves us in turn turning for a brief glimpse of ourselves passing. ceaseless little seen repetition. each small stone meandering bee or mossy green with single flower-white and alarming jutting solely toward morning sky on slight stalk are equals among the renegade life that ripples beneath what appears still. sight moves across such scenes like a shadow and finds only what it will see. the design either endlessly repeated in unthinking narration or governed. its minutia moving toward a truth *once meaning has fallen away* or better cast aside so that it can be found again. each event a random ally as I walk. I am not lost nor gathered nor delivered. every time the wind gusts I hear an answer to every question about Time that I can imagine.

insects are not demons nor furies in the night sky. time can and will pearl like a small quick stream over a shallow filled to the brim with well worn rocks. I search then amongst flat black and random stones at my own insistence. any given night can oppress. any morning will illuminate. both matters of Light's insistence.

I strive toward respect.

[*Étude chorus*] for Fanny Howe

so then let Grace come in. bubble up and like the water that it is clean us of the distractions that carry us away from ourselves even when we know we should like the poem says *kneel and drink each one of us the cup*

we alone can fill as we open ourselves like cracked dirt and let it seep up from the depth of being that it is to quench our lips and release our dry voice again.

Quiet Angle whose message this is a gift you know that is the life you have in stretching out – no klieg lights nor drama other than living – a gift then – delivered like the shade of a single cork tree standing atop a hill ceazanne-green running high up – slope across grass with snatches of wild-flowers to dark quick cool – will fulfill all that surround you who will be taken-in.

errant birds we are. flitting twig to limb to alight on the branching drift of days. pastoral bubble bursting to release the flight melody harmony although slight but luminous as we are all the air upon which this old song is played.

our time. no more nor less. and here your thought no plow or machine just a hand firm and gentle pushes the gist of these days into the waiting ground that surrounds us.

graceful let us at your lived insistence begin and even as thought clouds our steps know that there remains another way to traverse

reluctant evidence

recalcitrant observation

song

black mirror of Legacy

when all the forbidden subjects are let loose then Time to turns toward what got pushed aside as formal or familiar.

Grace notes. rye and abandoned like a flower whose sweet are we
note and drink and pass with out need of plucking.

passage too is an art
which like hospitality goes too often un-practiced

I am speaking here of god as I believe you are although we are not
supposed to as our friends gathered and present or in my heart
alone and reading the small thick papered pages of a book will
become uncomfortable. wondering if it is a late life reversion or
conversion. as if a caterpillar shedding a cocoon to blossom and
bloom into trembling orange *merchants in Spring's flowering garden*
should bring such alarm or sadness

all transits inform

but it is another monarch before whom you would alight
my own flutters in the light of a fading day toward the possible
of another.

an alternate life

in Time and Heart. Mind and Dream. and your path as clear as air
slight fetch and hint of turbulence guides me. calls me to be. more
than I am.

or myself.

a little grace full as I go.

of scars & dimples, the touch that heals
all pain, the remembered smile,
stretched in its first budding, open

NEWS FROM THE BURNING CITY

Battle-weary amongst the ruins –
stray dreams creep in by the back
gate, at dawn, taking a holiday

from reason, desire, beyond
good-manners, right or wrong,
stronger than ethics, stronger

than the burning walls and the crumbling
gates of wisdom – only the gate of ivory
still stands; do not look back, looking

back will turn you into a doll of salt,
look forward; looking back you'll only
see all that you've left behind you,

the dead, the wounded and the captive,
the missed opportunities and the false
starts, your sins, dogs giving tongue;

forward, look forward – the compulsion
to repeat: the hands, pale animals
seeking comfort, the exact location

of scars & dimples, the touch that heals
all pain, the remembered smile,
stretched in its first budding, open

warm & sweet, all the edible
bits, unmentionable, false memories
as real as true ones, a blazing trail

pointing out the way to the dull
old truth: body matters, and your hands
belong to my hands, your nape belongs

to my kissing.

.....

Pleasant is the rising sun
upon these ruins

it flickers
so

TIME-WRAP

Clock-time & peach-time do not match,
accurate time-keeping & punctuality inflict
a prohibition on spontaneity & peaches;

in dark rooms, cronobiologists assess
& compute, holding on to clocks,
pondering lives running in reverse.

But can you measure lunar-time? How long
can a smile stretch? How long can you feed
on it? A sense of rhythm; the key principle

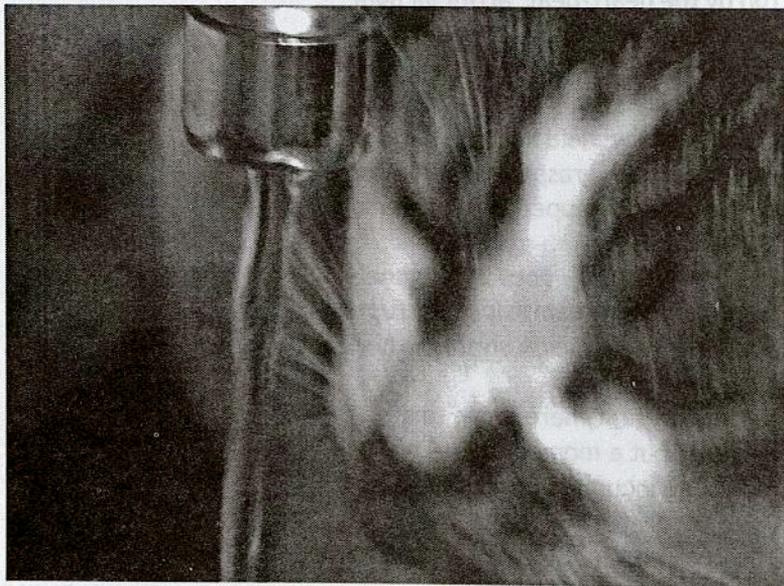
run by the heart-beat, artificial light
expanding night-time, closely-knit time
matters & space matters, there's no

place like now; hold out your hand
– touch, grab, grasp or wave. Living
at the edges, wrapped around memory

La Luna goes on – goes by, is gone –
swamping the dreamscapes, disrupting
euphoric intensities & shrinking horizons

to time present, here, now, this
evening, but a moment ago – waiting
in decline increases temporariness.

The body does not forget the first home;
derelict dreams are intact
but will not stay long.



Gato, Jorge Vaz Nande

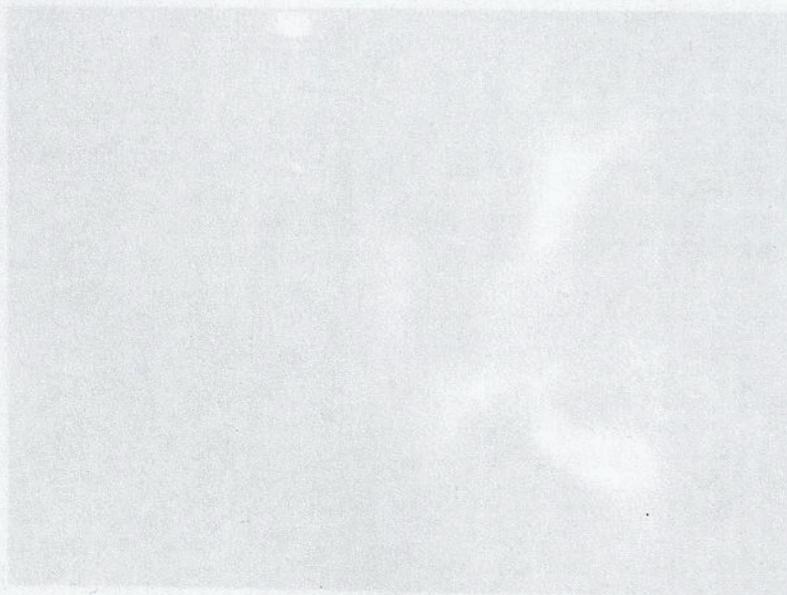
todas as coisas subsistem

inclino-me sobre a chama pungente,
mas o pólen penetra-te
engordando-te as entranhas

a luz nos currais
e a inquietação das pulgas depois do gelo
seco
cosendo a raiz ao chão

coisifiquemos os instintos
no momento marcado

agora o vento foge, surdo
na península deste lado
e no centro da distância
o anjo negro, intenso
sem endereço esculpido



PRISIONEIRO

a partir de Foucault

sujeito é substituto complexo.

discurso é função de sujeito.

rumor de quem fala

é autenticidade das relações discursivas de si mesmo.

lógica tem categorias na relação com o autor.

o fenómeno do retorno às origens

é perceptível na figura esboçada do novo.

o esquecimento esquivo do vazio

é uma lacuna no jogo de dizer —

é preciso olhar e ler tudo,

adquirir uma aura na transgressão,

porque o profano e o ilícito

são uma acto bipolar.

o produto, de onde veio?

da forma, do estatuto e do sentido,

do corpo patológico e notável,

da distância que está em questão —

do autor que se apaga!

EXERCÍCIO

não consigo dizer.

regresso...

a direcção do poema

é a dor enfática dos jardins alinhados.

os pinhais dão alento à mensagem húmida nos olhos...

fujamos de dia!

a minha morte, ao meio da metade.

as noites inteiras num cavalo atroz...

pulmão — máquina das vozes num outro lugar.

regresso atroz...

dito — o processo do dito —

dito o processo,

num outro lugar,

a dor enfática e nos olhos a mensagem

fujamos

não consigo dizer — fujamos!

fujamos de dia no dia alinhado,

ao meio da direcção do poema,

as vozes das noites inteiras.

PRISIONEIRO

A pouco e pouco o dilúvio entrou e fechou a porta atrás de si
A dor que hesitara entre o corpo e o espírito
pousou os cabelos na frente e deixou-se ir com o dilúvio
Já dormiu nos pátios, uma fresta de muro(mundo) íngreme
era a sua fascinação nocturna

O impossível avançou para ele e passado ficou
cheio de partes dispersas e o princípio de um ventre mosaico
no vitral da sala
As imagens levam em si memórias silenciosas
em troca de um pântano entontecido, uma mistura açucarada
que já ninguém lembra entoando cânticos antigos
e estendendo os braços extinguem a luz

Reflectia, sentia, verticalmente repuxado pelos planos que
antes encenara, empurrando para a frente
o tecto do corpo longo de um riso quadriculado
manhãs ínfimas da extremidade de troncos humanos

procuram na quebra dos braços a transpiração de outras
mãos
sobre as suas, oferecem-se à ternura dos
tormentos misteriosos e aí permanecem
vestem cinza sóbrio e elegante: casaco cinza,
calça cinza, gravata cinza
Formam uma mancha cinza na obscuridade

constroem

uma rua baça e escura com escadas de latão grosseiro, onde
um degrau leva as mãos amarradas por ser um degrau solitário
no início de uma tarde de Inverno

por detrás de cada silêncio nasce um homem
de pés descalços e traz um som áspero que se renova
ciclicamente

A muralha vai

de um

ao outro extremo da terra

Suspendamos um pouco a alma
à semelhança de um objecto pesado e enorme

Aonde chega a matéria severa
forja um bem aparente
dá forma a um signo artificial
Os elementos primários criam o cheiro da ameixa no susto mole

— cera nos punhos rotos

jugo da fome perseguindo a fortuna
assistindo ao seu declínio
o visível sustém-se pela seiva
vespertina, o visível abomina o jejum
persiste como um insulto indigno

Algures um sentido repousa
mais fundo, permanece até que o tempo finde

— Aquela criança desagregada
não cabe à mesa

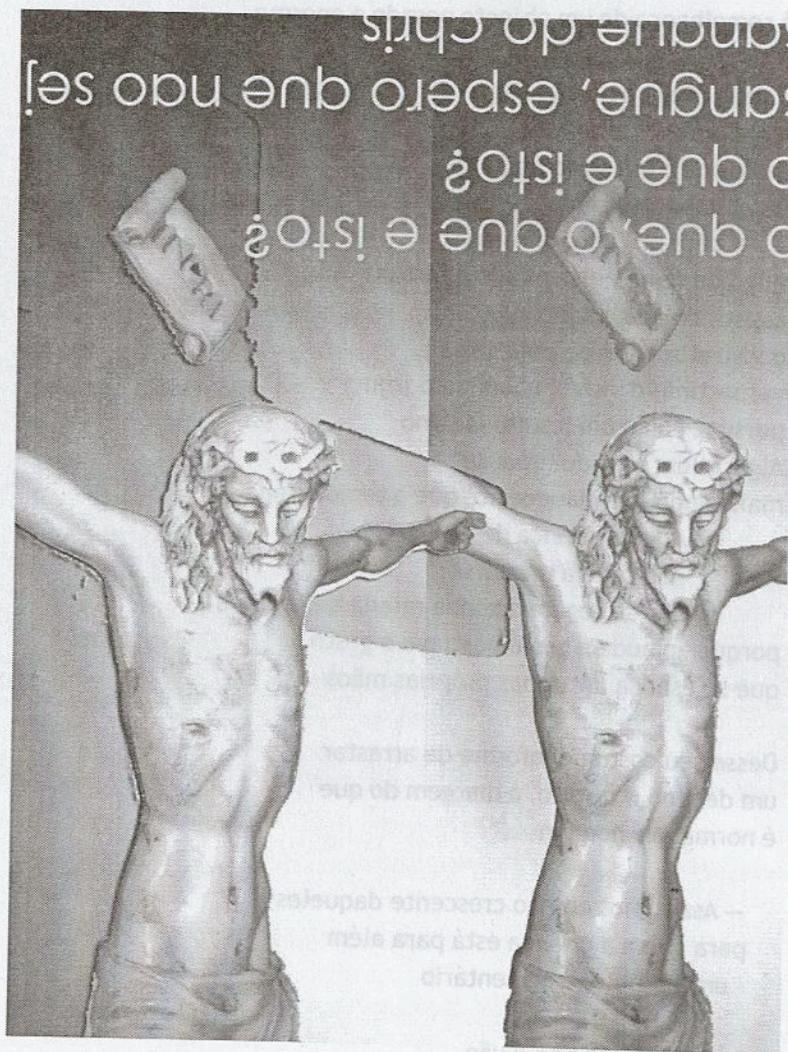
não se segura sozinha raiada de espuma

porque aplaude o gesto póstumo o gesto
que se esboça antes das próprias mãos

Desse seu costume informe de arrastar
um destino interdito, à margem do que
é normal e é homem

— Assistimos ao riso crescente daqueles
para quem a criança está para além
um ser nulo, fragmentário

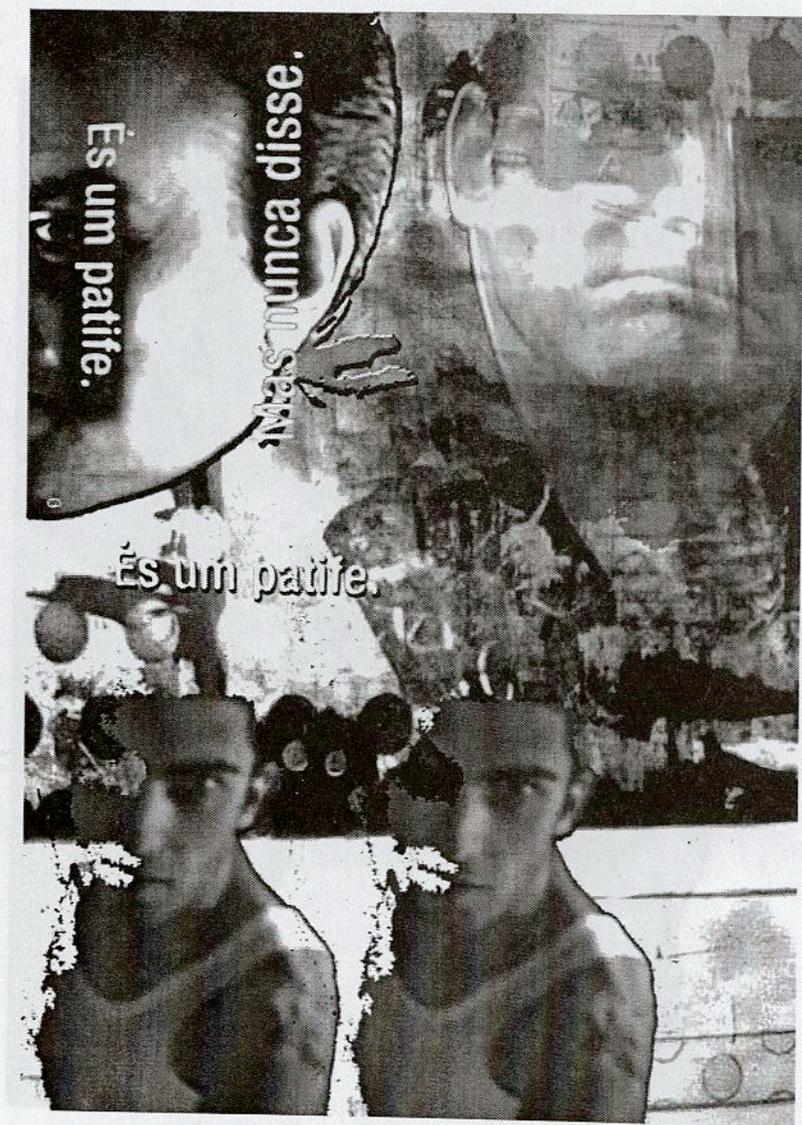
O jugo da busca não é vão
inanimal apenas



Espero que não..., Alexandre Mestre

“TO MOVE” – (CO)MOVER

Movo as mãos (co)movendo-
-te com a língua.
Os dedos são vermes escondidos
no punho – gruta de carne:
abrigo de pecados.
Os sentidos norteando
as coisas (norte/sul –
do cérebro para as mãos)
que (co)movem o gesto – sorri
a palavra que impede
o falar.



Es um patife, Alexandre Mestre

a partir do texto *O Lodo* de Alfredo Cortêz

veste certo esforço em enfiar uma agulha num espelho.

diz — passo aqui os dias e as noites com a casa toda,
com as marcas na ponta das unhas,
a sacudir a cinza com o dedo mínimo.

diz — eu vomito o resto no café aqui da esquina,
no meio das gargalhadas de todos.

diz — arremedar a voz da canalha.

o xaile está pendurado por baixo da escada.

ele lambe o cigarro e vai sentar-se numa cadeira
à proa.

vai aos soluços o pano, e depois,
a mesma disposição de todas as coisas.

passos na escada — pausa.

diz — é que tenho muita pena que seja tão desigual.

aprendi na leitura dos primeiros livros que as
mães são como santas,
num campo grande cheio de sol,
e o sol pica.

diz — pode lá acreditar-se na perseguição das coisas que
não têm vida.

só se faz luz na sala depois de descer completamente o
pano.

a partir do texto *Explicação dos Pássaros* de António Lobo Antunes

pingos de chumbo
nas banheiras da insónia,
as arestas da voz.
cheios de mãos supérfluas sem bolsos para ancorar,
pele de vidro nos espelhos.
agora entre nós a tristeza da manhã escorria para a cama,
para a pele lunar dos prédios.
adivinha-se uma respiração nos pássaros,
quando morrem – explicou o pai – flutuam de barriga para o
ar, no vento,
são pântanos de seda
de pó,
corpos às voltas nos lençóis da vida.

um piano, na areia,
verificando com o vértice do lápis o mineral silêncio da
[madrugada,
voz criança que procura às escuras a orelha que a escute;
e eras tu só, o teu contorno contra a pele da água, a casca das
[coisas.
há sempre uma parte da noite escondida no interior das
[árvores,
como as aves da infância, gavetas e gavetas de pássaros
[crucificados.
os patos desarrumavam-se na lagoa.
sempre queres que lhes abra a barriga e tos explique?
crescem as nuvens da manhã de Aveiro
desdobrando as asas no basalto do céu.

O EFEITO DO LAGO (*Lake Effect – annotated*)

é difícil acreditar neste abril, (*can you believe this april?*)
neste abril. todas as palavras difíceis de pronunciar depois
de uma certa hora, demasiado estendidas pelos braços fora
até às pontas e de volta até ao pescoço, aos espaços
diminutos entre as respirações e o pestanejar lento que desce
as costas repetidamente.

neste abril, neste abril ridículo e lacónico depois de uma
certa hora onde não há resposta possível aos
agradecimentos e as dívidas não nos querem, nesta cidade
diminuta entre as respirações e a consciência de respirar
(*smoking as the consciouness of breathing, you control what
comes in, and see what comes out, and you believe*), elas
não nos querem perder para sempre...

e esquecer neste abril, as palavras, abrir neste mês as
palavras deixadas nos recantos dos abraços diminutos, e
esquecer abril e as diferenças horárias, os planos e os
exteriores-interiores, os microfones e os megafones, e as
ruas de abril desertas, neste abril de ruas andantes, pessoas
que se deixam beber sozinhas, que se deixam fora, que se
fecham fora, que se deixam

a tremura de abril preso nos ramos roídos, numa fina
película que se rebobina como os filmes e como quando nos
ouvidos cheios nos soam a pouco, nos ouvidos tristes pela
sua mesma voz. os substantivos curtos voltam como
cadáveres à tona mas recusam-se a olhar para nós, filhos e

filhas de abril, recusam-se a olhar por nós, em abril
mutilados de sono, sem saber onde estão às onze da noite
(*it's eleven o'clock, do you know where your children are?*),
sem sabor às onze da noite, sem sabor de noite
sem sabor

sem saber agradecer a verdade sem saber como se faz
semanticamente com as mãos, sem saber seguir com o
ventre a sirene que passa. à saída de abril um carro parado
(*police car*), dez carros parados e muitas mãos que fumam a
culpa dos dedos cortados e pequenos (*his fingers*). em abril
há muito que não se acredita, há muito para não acreditar em
abril, o suficiente para varrer a porta e encontrar moedas e
fechar janelas e não encontrar janelas, para abrir de novo os
vocábulos redondos como o lago marcado no lábio mais
pequeno sonhado entre as cortinas

em abril, o sonho descontínuo que tem que ser ajustado à
faca, que roda e nos deixa entontecidos a todos até termos
que sair para criar maio em torno do lago (Eerie).

a concentração muito grave
na veia
o desagrado
os sinais congénitos numa rotunda aberta
organicamente nada a dizer e se
nada mais disto seja importante nas escolhas e sendo
nada mais disto importante na espera e o jogo sendo
mais disto e nada de bom e nada sem ser a cifra
e os olhos e a pele e o resto escondido
e as mãos pequenas que balançam as paredes



Alexandrina, Jorge Vaz Nande

LEVITAÇÃO

a madrugada veio lenta
em fios serenos e pássaros doces
(luz tecida e destecida nos buracos redondos
da persiana)
sentinela branda

sons leves reticentes
trocam o passo ao poema a nascer

CONCEIÇÃO RIACHOS

SORTILÉGIO

quando
a distância que separa
a primeira pancada do coração
ganhar o tamanho de um
Tejo de água com clareiras
e salgueiros

quando
a luz do sol na vidraça
te fizer ver com nitidez

quando
da forja aureolada de chispas
saltar a estranha alquimia

(porque tudo se integra se transgride)

cumprirás

a tua luz inundará corpos

1

as redes a um palco] animais a curva-pele]
 pelo movimento de plantas
 o brilho [nas câmaras
 por que roçam
 [movem-se [nuas águas siderais,
 com a terra toda pela cintura sob pedras] [cabeça abrindo de
 rosa cabeças

]rosas[
 – esticar buracos da fenda nos tampos batendo
 Perfumes – no corpo – as louças
 abertas, o amarelo da raiz premindo]
] respirar ou morder
 -se das frias grutas
 gotas,
 .amarelo alto

2

Perfumes – .amarela
 curva-pele – expirar mordidas louças [, batendo ama-
 relou]] câmaras
 frias
 dum palco de gotas, da raiz
 os premindo
 roçam os tampos
 [movem-] animais [nuas
]rosas[águas
 pelas fendas siderais,

a terra toda pela cintura sob pedras] os buracos de plantas]

[cabeça

de rosa

abrindo

cabeças de gotas

redes entre

3

. águas amarelas plantas]

curva- cabeça

roçam os tampos] animais [nus pela cintura sob —

mordidas louças os premindo

rosa [, batendo amarelo

movem-]] câmaras

pelas fendas]rosas[

pedras]

siderais

Perfumes —

abrindo gotas.

buracos cabeças

redes dum palco de gotas, da raiz

4

pedras] águas siderais mordidas louças

amarelas

câmaras as cabeças nos buracos de plantas]

roçam redes pelas fendas

]rosas

A SANTA abrindo DE TEIXIDO
 gotas[, ó morto, ó vivo) [plantas] de
 , batendo [os tampos]
 palco de animais [nus pela cintura sob –
 Perfumes da raiz *ard Mantley Hopkins*
 amarelo

5 das 24 horas roçando rosas as pedras
 a seda líquida luz [siderais]
 raízes siderais braços arcos
 louças e câmaras dos tampos] [nuas cabeças
 batendo
 roçam

redes
 pelas fendas *inflamar*
 um ventre aberto]rosas
 pleno de casas terras abrido

gotas[o escorregar plantas] câmaras
 pedras nas águas [de rosas as redes louças
 na me (sobre) Palcos
 de um capitão vivo

6 cemitério dos ingleses

raízes de pedras siderais,
 as louças de gotas *japoneses*
 [e águas abrindo nas câmaras dos tampos]

[
 batendo rosas *na na in-*
 pela cintura *im-*

possível de outro tempo

nos Palcos de buracos
de plantas]
onde as redes roçam

7

raízes de Palcos batendo
rosas as pedras
[siderais,

buracos louças de gotas
águas abrindo [redes de plantas de redes]as câmaras dos
tampos]

8

de tampos] palcos
os batendo
plantas]câmaras
[de rosas, as redes louças
: gotas buracos de pedras

A SANTO ANDRÉ DE TEIXIDO

(se vai, ó morto, ó vivo)

à maneira de
Gerard Manley Hopkins

todas as horas roçando
a seda líquida luz
da falésia braços arcos
dobrados horizontes
dedos
de rocha a trocar-

-se na água milenar
um ventre aberto
pleno de casas térreas
cascos a escorregar
na água das rochas
na memória
de um capitão vivo
no cemitério dos ingleses

uma linha sem terra
a perscrutar os camponeses
rodeados de espelho

a presença toda na in-
visibilidade im-
possível de outro tempo

de outro lado
de todas as horas
roçando
a luz da falésia
plena de cascos
e naufragos

e a fonte e a criação
e a erva-namoradeira
e cada pedaço de pão
por submergir
em promessa de paixão

e todo o espaço espelho
frio e claro a inundar
narinas pulmões

a boca

na hora da falésia
no ventre aberto
o favorito
da manhã plana-
rei

Fuck You Gertrude – You Only Think of Sex

The people are clean in their white clothes
And accessories accordingly,
My jeans dirty from the all night dancing
And the black top
Accordingly.

(An exhibitionist for everyone
Who doesn't want to see.)

The wedding dresses in the shop windows are
Ridiculous and fascinating.
My head aching
Under the black wig that is my hair.

The life now is only carnaval costumes,
But my dress is honest.

Isn't it rot 2 h8 this lof 2 stop Ur pulse Whisper a curse
Upon this G♥D's gift Which in Swedish is p

o

i

s

o

n

.

esta poderia ser uma religião. o canto insustentável da vértebra. o diálogo espicaçado de quem não preguiça. pois bem. possivelmente um gesticular em dois acordes.

trade it for something perfect.

a curva que se esbate na rejeição. o ornamento útil. entrar pela perspectiva plural. de-florestas. cair no avanço. estagnar. depois avançar por entre. o ciclo. a geometria finita. a vontade de quem em *sixties-lounge-airport-style*. não se dobra. o samurai em voo. a lista rasurada. a utopia perdida. a recuperação. o enjoo. a lista rasurada. a utopia perdida. a recuperação. o enjoo. água. plastificada. o que não chegou a ser. esterilidade ou descanso de quem sai clandestinamente em busca da embalagem. mas não da água. lamento nos olhos esfregados. simbiose em ohm. perseguição apenas. estação interrompida em corte eléctrico. linha quebrada. risco polido. as calorias medidas a olho. mudamos de cenário. não contornamos a performance. é-nos alheio. isto. e mais. haveria. sim. mais.

this is so twisted, so wrong, so florid, I could not refuse.



Sombras, Jorge Vaz Nande

EXÍLIO

As veias têm o ninho nas mãos
e temos vontade de inflamar o corpo,

alinhando o fim do sono das águas
a inércia bebe-se no ritmo das portas
e à medida que os dias se libertam
o desenho das mãos e dos gestos
persegue-me com tenazes rebentos.

São os instantes doirados do ultimato
são dois corpos num corpo eterno
num laço sem saída porque é um arco aberto.

METAMORFOSE II

cada objecto giratório
na cavidade de asas ocultas
risos metálicos embriagados
na cólera da poeira
a ascensão das formas
saindo da sua massa
e a linguagem do animal
para remediar corpos
que a árvore silenciosa carrega
como no velho livro das vozes.

QUASE CHUVA

Por passos noutra rua, através de cinzas virginais se oscula
o silêncio uterino da cidade.

Pela rua que era outra, a velha rua que era outra, os pombos
embuçados patinhavam, esculpindo as pedras da calçada
transparente.

Pela rua sem margens, encontrei as margens da outra rua que
era ela.

Descobriu-se no Outono
 (beijo com um beijo frio
 uma pedra de Lua nova)
a concubina de Paris
bebia chá-mate
 (aquilo que sou e sou p'ra alguns
 não é o que sou e sou para outros)
entre o fumo de cigarrilhas
e acamava uma cave
 (as lágrimas querem romper-te como um fio de
 vento às árvores)
com um som baixo de acordeão triste

*recolho os círculos que vi no chão e descanso-os
nos meus braços.*

A vibração
repulsa no espaço
entre as palavras
da tensão eu
surjo e sou
a palavra
sou

sou nu
como alvéolos
de passagem o
sentido respira-se

sou a tensão
a palavra
no sentido de
repulsa a
passagem
no espaço da
vibração respira-se
a palavra nu
e sou
e surjo

a passagem
no espaço
faz a palavra

Desço e desço e faço
Agora a guerra
Contra o facto e o dito
Ante a cara
Toco a cara
Provoco-me
Emito a destruição
Na íris talhada
E retalhada
Tu apalpas e repalpas
O erro
Vislumbro o antagonismo
Daquilo que é
Extremamente paralelo
Dizem que se morre
E que para criar
Eu e tu
Morremo-nos num pormenor
De interface
Trespasamos corpos e corpos

Decidiremos, um dia, do nosso futuro.

Afastaremos os olhos vítreos dos ecrãs de plasma
E escutaremos murmúrios abafados de divisões
contíguas às nossas.

Falaremos a princípio sem nexos e encantar-nos-á o som
da nossa voz,

Tanto que na nossa alegria deixaremos cair,
desapercebidamente,

Um paralelepípedo de plástico ao qual vínhamos
afeiçoando as nossas mãos.

Com estrondo afastaremos pesadas portas
E saberemos reconhecer, em animais que em tudo se
assemelham a nós,

Mais do que mobiliário ao qual nos unimos por acaso
ou contrato,

O eco de desejos e receios tão puros como primitivos.
Sairemos para a rua, enlaçaremos as mãos,
Expulsaremos das nossas cidades os analistas políticos
e os fazedores de opiniões.

Olharemos os governantes nos olhos e o inevitável
sucederá...

Haverá talvez algum sangue, mas menos do que agora.

Decidiremos, um dia, do nosso futuro,
Nós, o futuro de ontem.

Acontecerá muito depois de as galinhas ganharem uma
dentição completa,
E será belo.

Decidiremos, um dia, do nosso futuro,
Afastaremos os olhos além dos limites da paisagem a seguir,
E escutaremos muitos sabedores de diferentes eras e séculos,
Contigues às nossas.
Faltamos a princípio sem medo e encontrar-nos-á o saber a partir
de nossa voz,
Tanto que as nossas ideias deixamos cair, abandonadas a outras
desaparecidas.
Um paralelepípedo de plástico ao qual viámos - a realidade -
alcançando as nossas ideias.
Com estranho afastamento passadas portas
E sabemos reconhecer, em silêncio, que a realidade
assemelha-se nos,
Mas do que nos falta ao qual nos unimos, pois a realidade
ou concreto,
O eco de desejos e raciocínios tão puros como o pensamento
Faltamos para a real, entretamos as mãos,
Existimos nas nossas ideias, e a realidade é a realidade.
Outrora os governantes nos tinham a realidade, e a realidade
sucedem.
Haverá talvez algum sangue, mas menos do que agora.
Decidiremos, um dia, do nosso futuro,
Nós, o futuro de ontem.
Acontecerá muito depois de as galáxias ganharem uma
definição completa,
E será belo.

o engenho assombroso
despedaçando
esticadas correias de bronze
as correias

enleadas, as correias
oleadas, tensas,
aliadas do movimento

No centro do dínamo, no centro
informe dos pântanos

Aves douradas

e brancas

Lançam-se de alturas inconcebíveis

Exibição mecânica

fantasmagórica

ensombrando o entardecer

de Julho

há sempre um mecanismo
no coração de cada floresta,
cada lar
uma concha.
há sempre uma sombra, esfera
sempre tendões acutilantes
enrodilhados
na esperança
e uma fome calada, imensa
assassinada a cor púrpura
quantos rios, quantos árvores,
para mim?, durante a travessia?
pétalas pétalas pétalas
de cobre.

A LEITURA POÉTICA

Variações
a partir de Al-Berto

LISBOA

1.

Nos caminhos sem sonho
deste país sombrio
que devora o delírio
e o deixa desabitado
os cardos ainda cospem lume?

O vento protege-te
ao trazer do sul
os aromas primaveris
dos fenos e das roseiras

Na bruma
o cheiro da morte
incendeia o teu espaço
sem que a geadas
arraste incertezas

2.

Sem sonho
Sem delírio
País sombrio
País desabitado

No espaço incendiado
o cheiro da morte
faz crepitar incertezas

E a chuva salgada que desejava
E o vento do sul que traz o cheiro dos fenos
e os aromas primaveris das roseiras
são quase-nada e não chegam
para que sintas sequer
a geada no rosto

3.

Sem sonho
sem delírio
País sombrio
País desabitado

No espaço incendiado
pelo cheiro da morte
crepitam incertezas

Do sul
ainda aromas primaveris
dos fenos e das roseiras

A LEITURA POÉTICA

Assim reverberam memórias de jogos passados,
No exercício contemplatório daqueles que contemplam
A poesia

Aguardam ansiosos e nem conseguindo sentar muito bem
Os rabos nas cadeiras
Sorrio com um copo na mão
E saboreio a minha desatenção
Neste momento não me apetece rever-me
Mas vejo aqueles que atentamente se esperam rever
À volta de mesas redondas
— Algumas que já viram despejar rodadas várias de
cerveja —

A poesia deve pois espelhar nós próprios
Devemos conseguir retirar dela algo para nós
E esta gente espera pois que a Musa lhes fale
Que alimente as suas almas
Que lhes excite prazeres egoístas
Que lhes dê pequenas alegrias
Que lhes seja sorte
E não a derrota madrasta!

Querem apropriar-se dela, naturalmente!
Pouco interessa quem a declama pois a poesia é de quem a ouve,
De quem lucra individualmente com ela
Por isso esta gente ouve...

Por isso estão tão atentos

... 7 – 77 – 12 ...

Algun vos serve?

... 45 – 1 – 76

LINHA!!!!!!

... 36 – 11 – 23

A tensão cresce, a ânsia corta-se à faca

... 58 – 14 – 22

BINGO!!!!!!

Pois é,

32 Euros que já pagam a noite... felizardo!

Ó menina, dê-me 2 cartões que eu também quero
jogar!

heliocentrismo? ou ego-
centrismo?o direito de estar n
o centro do universo.a ima-
gem do macro organismo u
niversal.cosmopolita indivi-
dualista.a
visão pes-
soal.nega
lá isto se fazes favor.e ago-
ra mais nada?direito de po-
ssuir vontades e controlar
o ecossistema das vaidades
s!para mim não as terás po-
is a mim
pertencem
!e porque
não pertur-
bar o mundo com o meu eg-
oísmo?porque não massacr-
á-lo com o meu eu?ou deix-
arei antes o mundo deleitar-
-se com o mau hálito daTV

?encarei como
natural a expansão do e-
go ao infinito!nada há de m-
ais belo na visão do espelho d-
o que a consciência do eu.não
se trata de egoísmo m-
as da conqu-
ista do
espaço.enl-
atadas só a
s sardinhas
.como é?ag-
ora temos o Br-
aveNewWo-
rld da treta?enl-
atem lá a ló-
gica mas a mi-
m não! teim-
oso e pecador,
ora aí estão
dois bel-
os adjectivo
s!pena q-
ue o meu eg-
o não q-
ueira saber d-
isso para n-
ada!e agora?não sou eu que te-
nho que responder!responda
outro que ego estou ago-
ra demasiado ocup-
ado a olh-

ar para o meu u-
mbigo!centro gravitac-
ional!via láctea do espec-
tro sobredigestivo esta neo-
ciência astronómica!gastronó-
mica?ou o c-
anibalismo
do ser?auto-
alimentaçã-
o selvagem
punida pe-
la religião!
Querem-m-
e ver agora
queimado
na fogueira
e eu todo-
divertido?e
ste já não
tem cura!é
um ego!é
um quê?um
ego!o que
é um ego?se
i lá,é o qu-
e lhe chamam
e calem lá
as bocas que o
papa vai fa-
lar sobre o meu umbigo como
nova verdade universal!a do-
utrina do ego agora emba-
lada e disponível perto
de si,no supermerc-
ado da esquina



A esperar por ti, Alexandre Mestre

FLOR DA PELE

atenuar a vontade primitiva
lugar a uma outra metade
circunscrevendo dever. outra vez
quente na voz

transbordar a taça agora
suavemente
destruir este universo como dantes
até ao princípio. desta vez

fêmeas fêmeas exalando cheiros
centro húmido do ser
empurrando tudo para a frente

eixos de ondas a subir
claras devorando a casa
sentir e acreditá-lo livremente
em mim

absorvidos no segredo na dança

um ter nunca a sós
e um só ceder



Carne, Alexandre Mestre

quando digo adeus é como se tivesse olhos na nuca
e não visse o caminho por onde vou e não hei-de voltar.
e a noite olha-me nos olhos e abençoa-me
como a um filho que se quer pródigo.

parto e cada curva torna-se um cão de ferro,
todas as passagens obscuras
são um misto do meu bafo gélido
e do cheiro a suor amedrontado.

as horas passam como um rio
apostado em afogar-me,
faço da ponte uma cama
e o torpor é-me confortável.

adormeço sem pensar nas consequências
e o rio corre como lhe apetece,
inventando novos pontos cardeais
indo para todo o lado e lado nenhum.

de manhã
um mapa
desenha-se na neblina
mas logo o vento me desperta.

PAULO DIAS

para cada beijo uma bala
o fio da navalha
que se prolonga pelo corpo
da multidão

para cada bala um beijo
as carícias que se apressam
pelas valas onde já dançam os espíritos

NA CADEIRA DE MADEIRA

Tenho para mim que sinto cada face
deslizar pesadamente até aos maxilares inferiores
Tenho os braços que se deixam cair como se a cada um
estivesse atado um tijolo cinzento
de cimento areado muito compacto.
Tenho o poder nervoso da aniquilação
Tenho o poder nervoso da imobilização crónica
Tenho o poder de reagir com violência
Tenho a boca fechada tenho os lábios colados
Tenho a língua que não se move
Tenho para mim que quer ocupar toda a cavidade bucal
impedir-me de respirar
quando as minhas narinas estiverem obstruídas
pelas mucosas inflamadas que invento para mim
Tenho para mim que sinto os pés magoados das sandálias
o meu estômago exibe um volume considerável.
Há mulheres magras desdentadas que cheiram ao suor
de pele vermelha queimada pelo sol
que trabalham como mulheres-a-dias
E o raio das mucosas que não se inflamam!

VIVÊNCIAS ILEGAIS

Vejo pijamas a enxugar nas varandas
e sinto a vontade de lhes passar
a ferro as golas e as mangas.
Vejo moscas acasaladas nas paredes quentes
e corro a enrolar uma revista velha
para as esmagar assim no acto.
O dia ontem correu mal
não consigo vestir a mesma camisola
é como se tivesse o cheiro de uma pessoa
com quem não mais quisesse estar.
Saio para a rua.
As pombas no chão abrem as asas
uma mulher escura de camisola vermelha
pede-me uma «moneda» e eu digo não
com um movimento quase circular da cabeça
é como se a minha presença
não combinasse com a arquitectura da cidade
o meu rosto estivesse desfigurado
as minhas roupas rasgadas
e o meu andar não se adaptasse ao solo.

ESTÓRIA

Conheci um homem que em lugar do coração tinha uma caixa de cigarrilhas.

Conheci um coração que no lugar dos aurículos tinha uns auriculares, e no lugar dos ventrículos, tinha ventoinhas. Era um coração arejado, mas nunca soube rimar.

Esse homem tinha olhos castanhos como dois mamilos e umas mãos... belas, belas como duas páginas dum livro inquieto na estante.

(naquelas mãos de papel... posso jurar cabiam todas as palavras... as antigas, as cósmicas, as que sim, as estrangeiras, as friorentas, as inefáveis).

O coração e o homem não se conheciam,
nunca se conheceram.

Morreram cedo. Um de *overdose* o outro porque a *doseover*,
ou vice-versa.

Por isso, nunca chegaram a saber
que ao contrário do que os cientistas pensavam
um homem cabe inteiro dentro dum coração.

VIVÊNCIAS LEGAIS

ESTÓRIA

Conheci um homem que em lugar do coração tinha uma
caixa de cigarrilhas.

Conheci um coração que no lugar dos pulmões tinha
surtulantes, e no lugar dos ventrículos, lâminas ventiladoras.

Em um coração esticado, mas nunca sob o fôlego.

Esse homem tinha outros castiçais, como dois braços
e umas mãos... belas, belas como duas pássaros dum jardim.

Indulso nas estâncias.

(Indulso nas mãos de papel... posso justificar todos os
países... as antigas, as modernas, as que foram
as estrangeiras, as fronteiras, as fronteiras, as fronteiras)

O coração e o homem não se conhecem.
nunca se conhecem.

Morrem cedo. Um de eles morre e o outro
ou vice-versa.

Por isso, nunca chegaram a saber
que ao contrário do que se dizia, o coração
um homem cabe inteiro dentro dum coração.

Sou
o outro
do outro,
contemplador egoísta
da surpresa plena. Me faço
assim
sugador de almas
e
infinitamente
pândego da ignorância
feliz
em procura eterna.

Palavras
exorcistas(,) não pensam.
pensam(:) que eu penso
que elas
Pensam por mim.
Infeliz de mim
quando

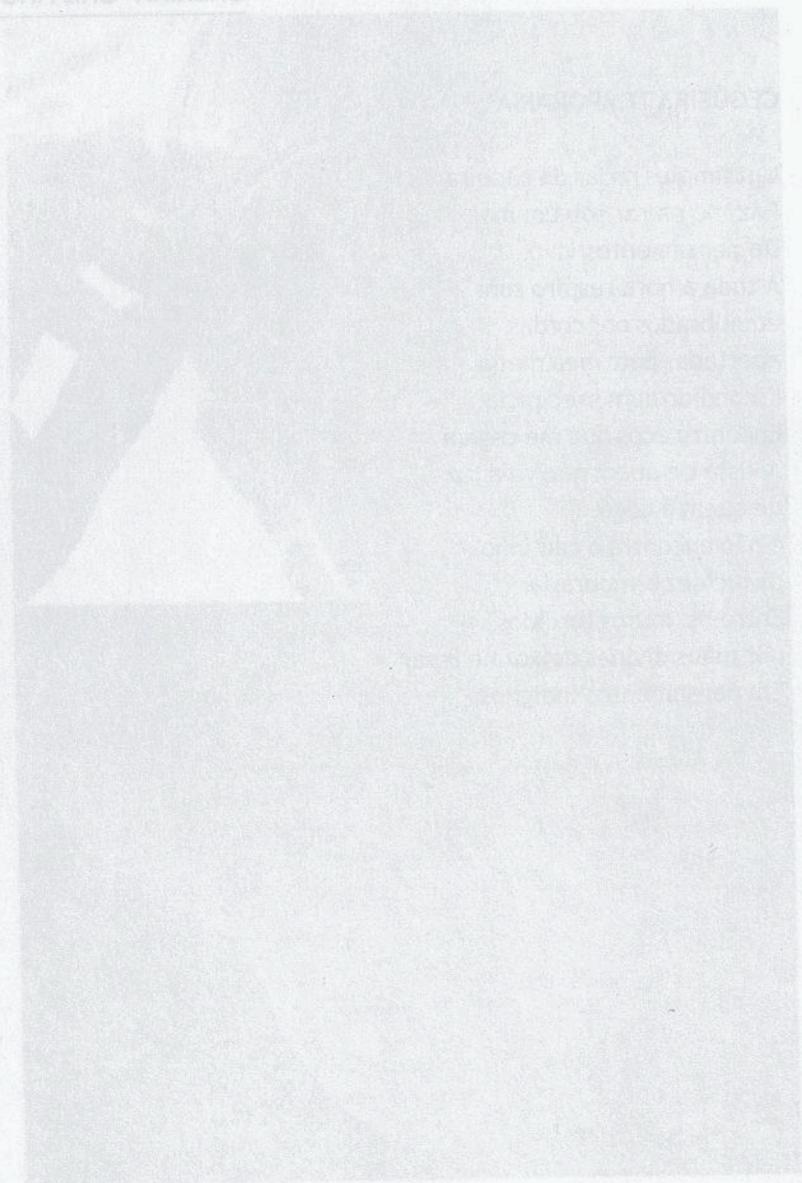
não as vejo
AS PALAVRAS DO OUTRO



marylines, Jorge Vaz Nande

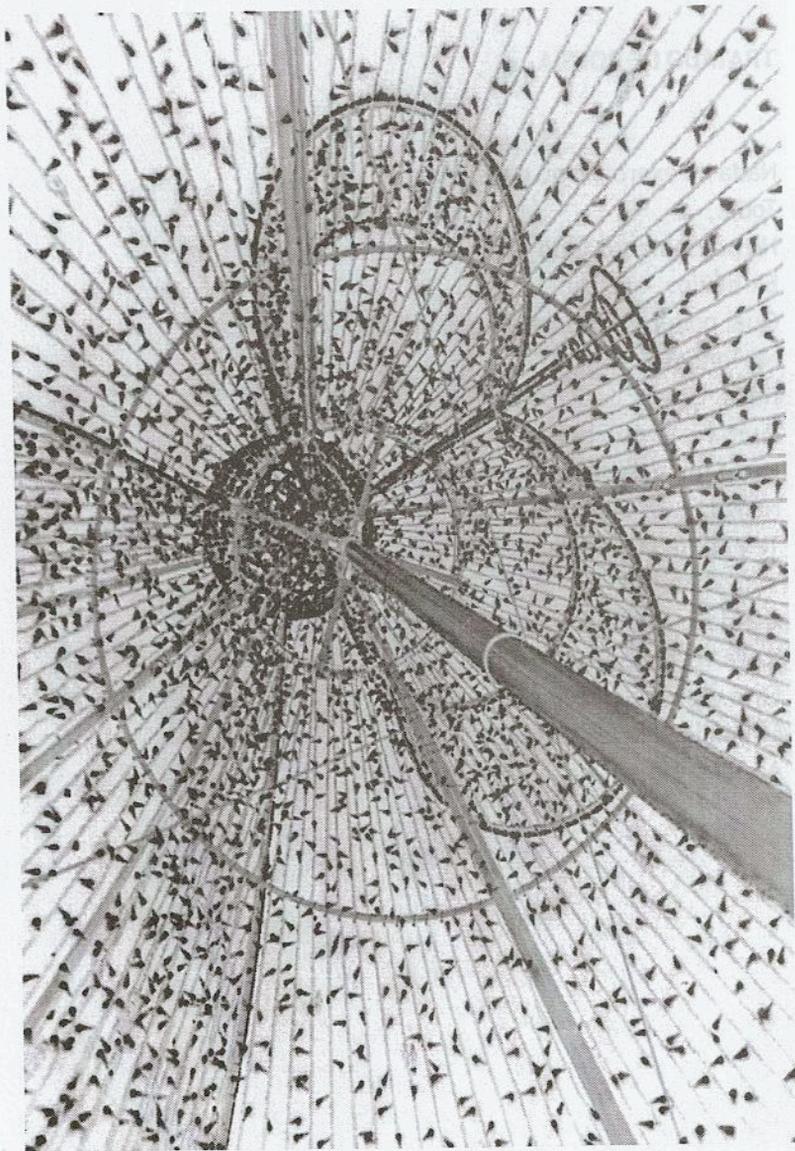
CEGUEIRA TEMPORÁRIA

Um simples rodar da cadeira
Faz-me pairar sob um mar
De pensamentos vivo
A toda a hora respiro sons
equilibrados por cordas
apertadas pelo meu medo
Escondido num precipício
Encontro ecos que me cegam
A vista de quem não vê a luz
de quem é cego
e não encontra o caminho
da lucidez temporária
Entre os muros torcidos
por mãos divinas deixo-me levar
Em pensamentos indignos.



TRATADO DE POESIA

Nada no exercício do pensamento
Todo.
No pensamento Todo pauta um perfume
Ex-nihilo:
Qual poderosa possessão que anula o ser
No Tempo.
Nada
É uma casa que herdo.
Hermeneia da sombra que alcanço
Nunca.
Tempo Nada o versa: divino estado
Tão sagrado
Agridoce aberto a estranho melaço.
Nada vê Tempo surdo a ser
Ente crescido e a morte.
Ex-nihilo vem tal sorte
Ao Todo morar.



s/ nome, Susete Fetal

Vermelho,

todo o espectro

visível desfasado numa cor.

Em unísono, todas as emoções gritadas

numa dor. Neste instante, todo o teu

ser

condensado. Teus olhos

cristalinos recortados do nevoeiro cerrado,

cubos de gelo a derreter

ideais. Tuas mãos, borboletas

que me envolvem, serpenteando espirais. Tua voz

rouca cuspindo labaredas, cinzas

de amor. Teu peito estridente

transborda a paixão, num longo, vermelho

e tépido cobertor.

SUSETE FETAL

Corpo pedra PEDRAANGULAR

Pés descalços de areia edificam castelos,
muros e torres de loucura.

Omolatas de calcário arqueiam grutas,
estalactites e estalagmites de ternura.

Mãos de sílex cravam nas entranhas
e nasce um pomar.

Saliva de espuma de mar
solidifica a lava do vulcão enfurecido.

Olhos de diamante vertem lágrimas de cristal
que petrificam todo o corpo arrependido.

Estático

Apático

Parado

Falta de movimento

Eu sou alta e tenho duas asas.

Os meus cabelos cobrem a insanidade.

Os meus olhos são de águia a agarrar a presa.

Os meus braços enlaçam-se até darem um nó com as minhas
pernas que querem correr.

Os meus pés rodopiam até à exaustão.

Abraço.

(Com) O quê?!

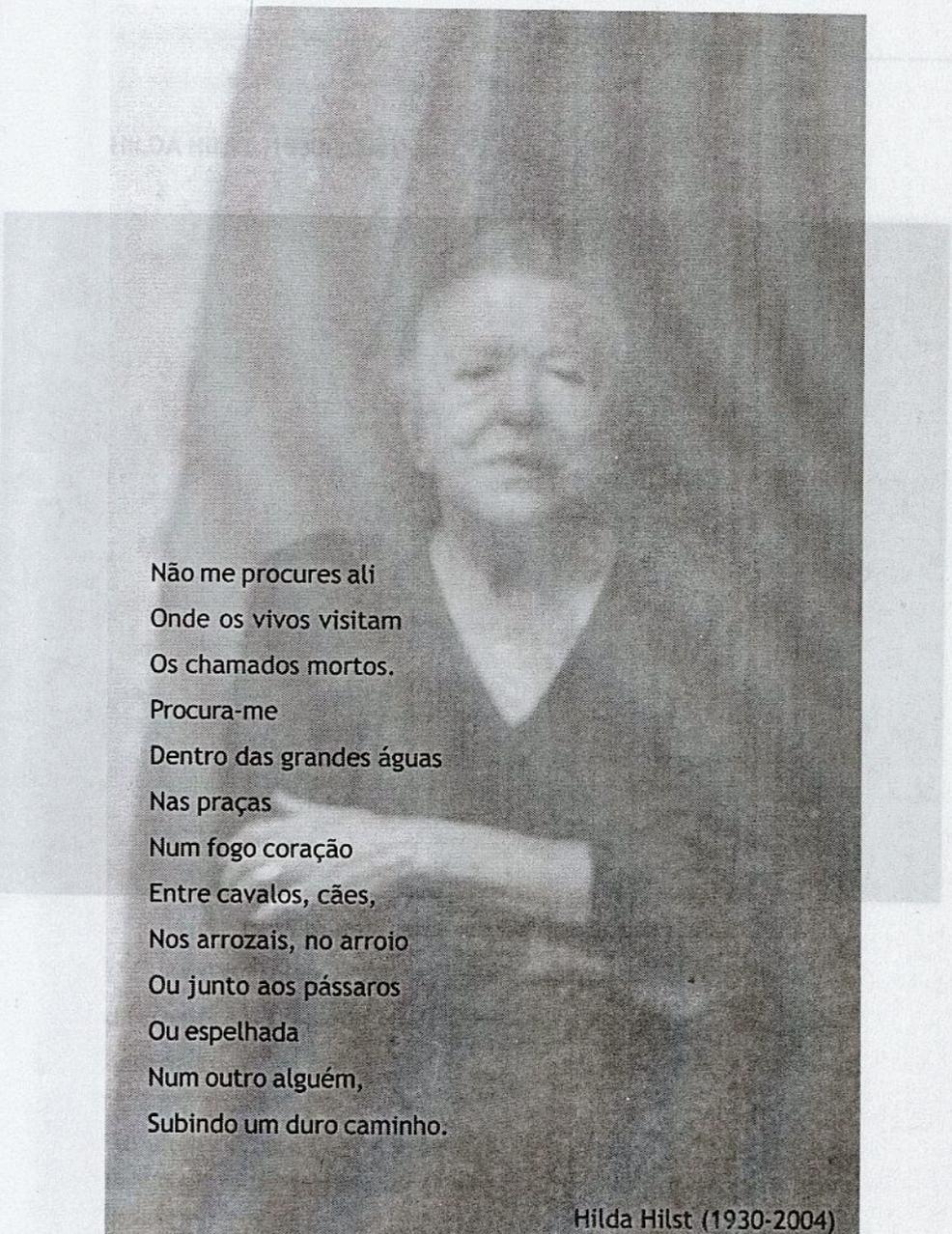
Estou sentada na minha cama.

Olho para a minha janela e vejo um pato
com o bico para dentro e os olhos tapados com uma venda
negra.

No chão passa um rato com as orelhas ao contrário e a cauda
roída.

Uma bola de queijo sai do armário e esmaga o rato
que a não conseguiu ouvir.

O pato ferido numa asa com óleo quente
cai na estrada
e é atropelado por uma camião-tir com seis pneus.



Não me procures ali
Onde os vivos visitam
Os chamados mortos.
Procura-me
Dentro das grandes águas
Nas praças
Num fogo coração
Entre cavalos, cães,
Nos arrozais, no arroio
Ou junto aos pássaros
Ou espelhada
Num outro alguém,
Subindo um duro caminho.

Hilda Hilst (1930-2004)



Hilda Hiltz (fotografada por Álvaro Alves de Faria)

HILDA HILST (1930-2004)*

Não me procureis ali
Onde os vivos visitam
Os chamados mortos.
Procura-me
Dentro das grandes águas
Nas praças
Num fogo coração
Entre cavalos, cães,
Nos arrozais, no arroio
Ou junto aos pássaros
Ou espelhada
Num outro alguém,
Subindo um duro caminho.

Hilda Hilst

Vivesse Hilda Hilst num país civilizado, a história seria diferente. Os olhos de Hilda são iluminados. O rosto de Hilda é iluminado.

* O último encontro entre estes dois poetas brasileiros acabou por se transformar na última entrevista de Hilda Hilst, que veio a falecer pouco tempo depois.

Mãos delicadas, ela desenha no ar gestos brancos, desse branco que não há mais. Hilda Hilst é uma mulher. Uma mulher que se observa no espelho do quarto, nota as cicatrizes e sorri. Chega um tempo em que a ordem é sorrir.

A boca feminina guarda beijos antigos, segredos, poemas, peças de teatro, romances, palavras, encantamentos, receios, paisagens invisíveis, silêncios. Mulher, Hilda Hilst é Hilda Hilst, escritora e poeta brasileira, de um Brasil que se deixa levar pela vulgaridade, pelas sombras, por esse discurso medíocre sempre feito na boca dos algozes. Hilda Hilst é essa mulher que quer ficar distante. Não lhe interessa mais abrir os braços para as tardes. É possível que o dia nem exista mais. Falar o quê? Nada tem a falar para ninguém. As palavras secaram na boca de vidro. Falar o quê para quem e para quê? Hilda Hilst é Hilda Hilst. Mas quem é essa mulher que, com um vestido longo, um xale de lã quase vermelho, ouve Beethoven às 10 horas da manhã? Quem é essa mulher de olhos claros e generosos? Hilda Hilst está cansada de falar. De escrever. Escreveu a vida inteira. Quem lê Hilda Hilst? Ela não esconde o desconforto. É uma dor que não merece. Quem é essa mulher que, ao abrir as grandes janelas de sua casa enorme casa no meio das árvores, tem nas mãos um copo de vinho do Porto? Quem é essa mulher que se mostra cansada e que se nega a continuar escrevendo? Quem é essa mulher que há mais de 30 anos se refugiou num sítio na região de Campinas, no Interior paulista, e vive cercada de personagens calados no fundo dos livros? Lembranças antigas povoam sua imensa sala de estar. A figura de seu pai, poeta e fazendeiro, Apolônio de Almeida Prado Hilst. A figura de sua mãe Bedecilda Vaz Cardoso. Os primeiros

estudos no Colégio Santa Marcelina, em São Paulo. Oito anos de colégio interno. Depois o Mackenzie. E ainda a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde formou-se advogada, profissão que nunca exerceu. Nasceu na cidade de Jaú, interior de São Paulo, em 1930. Seu primeiro livro, *Presságio*, foi editado em 1950. Tinha 20 anos. Era ainda estudante. Muitas lembranças percorrem as paredes da “Casa do Sol”, onde vive com 78 cães, quase todos recolhidos das ruas e do abandono. Todos têm nome. Andam pela casa o dia inteiro. Sobem nas poltronas, dormem nos tapetes. Têm absoluta liberdade.

Alguns são mais carentes. Estes estão sempre à procura de Hilda, pulam no seu colo. Ela afaga, diz a eles palavras doces. E os cães ouvem com olhos brilhantes e ternos. Todo o cão tem olhos ternos. Hilda Hilst diz que já escreveu tudo que tinha de escrever em sua vida. Mais de 50 anos escrevendo. E para quê, para quem, meu Deus? Não vale a pena escrever tanto. Não vale a pena nada. Absolutamente nada. Os últimos livros são pornográficos. Um deboche, mas um deboche de Hilda Hilst. Alguns amigos até se afastaram dela por causa dos livros debochados. Disseram que ela perderia todo seu prestígio. Mas que prestígio? Começou a escrever textos pornográficos e os lia para um crítico literário que era seu amigo. Era. Ele se escandalizava. E ela continuava a ler. Ele se afastou. Ela não se importou. Publicou sua pornografia com palavras vãs, sua pornografia com palavras vis. Perder prestígio? Que prestígio? Prestígio também significa ilusão. Hilda Hilst cansou de ilusão. Chega. Por isso, pára. Agora só lê. Lê o dia inteiro. Lê todos os livros junto com seus cachorros. Não existe mais motivo nenhum

para que volte a escrever peças de teatro, prosa, poemas. Os motivos acabaram. Também não quer mais falar. Não sente nenhuma necessidade de falar com ninguém. Fala com seus 78 cães e isso lhe basta. É uma pessoa ressentida, sem qualquer sonho. Não há mais sonho a sonhar. Ressentida, não amargurada – ela faz questão de explicar. Fazer algumas fotos? Fotos para quê? Não quer se arrumar para mais ninguém. Não quer pentear seus cabelos só porque alguém vem visitá-la. Quer ficar em paz consigo mesma. Não quer esperar ninguém. Não quer mais perguntar: “Quem bate à minha porta?”. As palavras morreram. Pelo menos suas palavras. As que estão sufocadas por dentro. Há dias quietos em que pega os livros que escreveu e lê em voz alta. Então diz: “São coisas belas, por que ninguém lê?”. Fecha seus livros. Tudo de repente ficou pequeno, minúsculo. Agradece tudo que Deus lhe deu. Tem saudade de tantas pessoas. Um desapareceram, outras se foram pra sempre. A saudade é constante. “Fodi muito com belos homens. Uns ricos, outros pobres. Fodi muito. Fiz tudo que tinha de fazer. Isto é o que me basta”. Fica em silêncio. Acrescenta: “Faz 20 anos que não fodo com ninguém. Eu esqueci como se fode. Está tudo seco em mim, dentro de mim, no fundo de mim”. Hilda Hilst parece alguém que salta de uma valsa. Fala hoje a linguagem dos cães. E quer falar como os cães. Quer continuar com o carinho de seus cães. O ressentimento não tem tamanho. A falta de reconhecimento num cenário dominado por gente desonesta. Muitos dizem: “Ah, ela já foi traduzida para vários idiomas”. Mas o que é que significa isso? Significa nada. Tem muitos livros publicados em outros países. Nunca recebeu um centavo por isso. De vez em quando as editoras

estrangeiras lhe mandam seu próprio livro de presente. Um único exemplar. Ela olha, conta as páginas, analisa a capa e sorri. Não sabe por que nasceu no Brasil, por ter sempre um destino incerto. Tem muito medo da morte. Não conhece Deus. Nunca viu Deus. Tem medo de pensar em suicídio. Mas já pensou em se matar. Diz que o suicídio tem de ser praticado num hotel, onde se deve pedir um quarto para, no mínimo, 48 horas. Tem de colocar na porta todos aqueles avisos para não ser perturbado, em todas as línguas possíveis. Depois tem de se tomar 40 comprimidos de soníferos. É só. Não pode ser em casa porque no outro dia, logo cedo, alguém vai chamar e descobre. Tem de ser num hotel.

Faz algum tempo decidiu reunir 70 poemas de amor de toda sua obra. Mas quem vai publicar? A mágoa escancarada. Eles não querem poemas de amor. O telefone toca. Ela atende. Diz: “Meu amor, estou muito triste hoje, estou muito triste”. A voz ao telefone desaparece nas paredes e nos móveis escuros da sala, nos quadros, nos retratos de tantos amigos que há muito tempo não vê. Ah, os poemas de amor: “Que boca há de roer o tempo? Que rosto/ Há de chegar depois do meu? Quantas vezes/ O tule do meu sopro há de pousar/ sobre a brancura fremente do teu dorso?/ Quantas vezes dirás: vida, vésper, magma-marinha/ e quantas vezes direi: és meu. E as distendidas/ tardes, as largas luas, as madrugadas/sem poder tocar-te. Quantas vezes, amor/ Uma nova vertente há de nascer em ti/ E quantas vezes em mim há de morrer”. Ah, os poemas de amor. Não existe mais literatura. Nem escritor existe mais. Não existe poeta. As pessoas dizem assim: gosto demais de sua obra. Ela pergunta que livro leram, qualquer trecho, qualquer palavra, um

verso. Não sabem dizer. As pessoas não conhecem nada. Escrever para quê, para quem? Não sabe por que nasceu no Brasil. Quando era uma escritora e poeta jovem, ninguém queria falar com ela. Agora muitos pedem entrevistas. Especialmente agora que Hilda Hilst não tem mais nada a dizer. Agora que ela secou por dentro: “Agora não estou interessada em nada. Vão tomar no cu, agora. Chega. Acabei”. As palavras são duras. No entanto, ela não demonstra raiva. Antes, mostra um sorriso lento, mágico, contagiante, deslumbrante, apaixonado, meigo, quieto, terno, principalmente terno. Como os olhos dos cães. Mas é só um sorriso de Hilda Hilst, que já pensa escrever seu testamento. Pelo menos isso pensa escrever. Quer garantir a vida dos cães que vivem com ela e mais aqueles que ainda vai recolher das ruas, cães feridos, doentes, tristes. Ela quer que depois de sua morte seus cães recebam alimentos todos os dias. Quer que seus cães sejam bem tratados sempre. Nunca pensou em casar, mas casou por imposição da mãe. Hilda Hilst já morava com seu namorado. Ao saber que ela vivia com um homem, sua mãe falou: “Agora virou puta de vez!”. Hilda Hilst então aceitou casar. Só para não ser chamada de puta pela mãe. Mas era horrível dizer “meu marido”. E depois o casamento foi um desastre. Ele só queria foder e ela só queria escrever. Como fez a vida inteira. Ela dizia ao marido que procurasse outras mulheres. Ele procurou. E enquanto ele fodia, ela ia escrevendo sua obra. Obra que ninguém lê. O marido acabou encontrando outra. E foi embora. Foi foder. E ela ficou escrevendo. Ainda hoje ele é seu amigo. De vez quando se falam por telefone. Hilda Hilst teve muitos homens na vida. Talvez hoje quisesse um, mas só para divulgar

seus livros e pagar suas contas. Só para isso, mais nada. Quando era jovem, muitos a cortejavam. E ela prevenia os namorados. Nada dura para sempre. Suas relações sentimentais sempre terminavam rapidamente. Aos homens que amou, sempre deu um conselho: precisava ser maltratada, única forma de manter a paixão acesa. Sem paixão não é possível fazer nada. Nem a própria paixão se faz.

Hilda Hilst desconfia de muitos escritores brasileiros, esses que estão sempre falando em congressos, viajando para todo lugar a fim de discutir literatura. São pessoas que nunca estão em casa. Se viajam tanto, se falam tanto, quando conseguem escrever alguma coisa? São escritores e poetas que falam, falam, falam, falam, falam. Só falam. Não param de falar, amparados por uma obra de valor duvidoso. Não podem escrever uma obra séria. Hilda lembra alguns nomes nessa condição, tidos como consagrados na literatura brasileira. Pede para não citá-los. Não por receio, mas porque sabe que nada mais vale a pena na questão literária. Tudo dela pertence ao passado.

A literatura não importa mais. Teve seu tempo em sua vida. Acabou. Ao escrever pornografia como um deboche, seus amigos mais próximos disseram que ela estava louca. Estava louca, sim. Não nega. Estava e está. Mas é preferível ser louca a participar de uma cena de cartas marcadas. Hilda Hilst está cansada, com fobia anti-social. No grande portão verde de seu sítio, uma placa adverte os visitantes: "Cuidado: cão anti-social". A placa se refere a ela própria. Os 78 cachorros que vivem com ela são dóceis, amáveis. Ela diz ser uma cachorra em busca de outros cachorros, daqueles

com quem possa falar e ser compreendida. O ressentimento. Não é amargura. É ressentimento. É preciso explicar bem. Nunca disse que Deus é bom. Nem dirá. Não conhece Deus, embora muitas vezes lembre de seu nome. Não quer que Deus dirija a ela o seu olhar. Tem medo: “Se Deus olhar para mim eu me escondo”. Sua obra está repleta de anjos, mas não se trata de uma questão religiosa. Não sabe o que é um anjo. Não sabe onde os anjos vivem, se existem ou não. Anjos são anjos, seres etéreos, invisíveis. Ah, os poemas de amor: “Amado senhor meu: Perguntei a mim mesma/ O que te faz aos meus olhos desejados./ E aquele anjo que é o meu, desassombrado/ Andrógino e ausente emudeceu/ será a luz da tua casa pó encantado/ Ou tens encanto maior aos olhos meus?/ E aquele anjo que é o meu, mudo e alado/ Prudente como um anjo adormeceu/ será a mulher, a que te tem guardado/ Em vigia constante como a um deus/ Que faz com que eu te sinta mais amado?/ E sonâmbulo meu anjo respondeu:/ Ai de ti, a de sonhos exaltados”. Foi ela quem escreveu nos momentos que sempre multiplicou para respirar fundo, absorvendo todo o ar possível, em volta de si. O amor lhe deu o dom de escrever poesia: “Poeta e amante é o que sou/ E só quem ama é que sabe/ Dizer além da verdade/ E dar vida à fantasia”. Hilda Hilst cansou de dar vida à fantasia. É tida como louca, mas isso não altera nada. Não significa nada. Já viu disco-voador. As luzes do disco-voador. Muitas vezes recebe visita de seres invisíveis, no meio da noite. São de planetas próximos da Terra. Paracelso, por exemplo, mora num deles. Ele, um homem que preparou o próprio funeral, repartiu tudo que tinha e escolheu alguns Salmos para serem cantados no seu enterro. Hilda foi chamada de

louca quando gravou vozes que falavam entre as árvores de sua chácara, vindas do espaço. No meio da noite, certa vez, recebeu a visita de uma criatura muito alta, com roupas escuras. Parecia um homem. Vestia uma capa de chuva. Era quase da altura da porta. Ela abriu a porta. Quando fala sobre isso, mesmo os amigos mais próximos dizem que ela enlouqueceu. Ou está embriagada. Então deixou de comentar esses assuntos. Só conversa sobre seres de outros planetas com pessoas confiáveis. Leu James Joyce quando completou 40 anos de idade, porque se sentiu preparada. Já queria respostas cruciais. Hoje nenhum escritor lhe dá respostas cruciais. Pelo menos os escritores que conhece. Por isso, lê, lê, lê. Passa as noites lendo, procurando respostas, palavras, silêncios. Recentemente, um livro seu de literatura pornográfica foi publicado na França. Um crítico francês fez um trocadilho com seu nome.

Escreveu: "A porca hilstérica". Hilda Hilst ficou triste. Não esconde: "Senti, então, que até na França as coisas são todas iguais". Quando criança, seus pais receberam a visita de um mago francês. Ele falou sobre seu destino. Hilda não esqueceu algumas das previsões sobre sua vida. O mago disse que Hilda seria uma mulher sensível, que iria lutar sempre pelo simples prazer de lutar obstinadamente. Disse também que Hilda conheceria o sucesso e alcançaria grande fortuna. Mas até hoje não conheceu fortuna nenhuma. Sorri, no entanto. Sorri. Fez há alguns dias uma casinha de papelão para uma lagartixa que anda pelas paredes de sua casa. Uma lagartixa mãe de duas lagartixinhas. Fez uma casinha de papelão, colou na parede. A lagartixa vive lá dentro. Uma casinha de papelão. As paredes estão repletas de retratos de escritores,

especialmente no quarto amplo, paredes pesadas e severas. À entrada, um Garcia Lorca sorri com o rosto varado de balas, buracos de onde sai um risco de sangue. Os olhos de Lorca observam as visitas. Tem um sorriso no lábio ferido. Um pôster em branco e preto, o sangue vermelho, bem vermelho. O sangue sempre é vermelho. E os olhos de Lorca sempre vão brilhar assim, como nesta manhã de chuva, cheiro de água, de plantas, de terra. Os 78 cachorros estão dentro da casa. Muitos disputam o lugar perto dela. A todos ela chama pelo nome. As paredes repletas de retratos de escritores, tudo em branco e preto, figuras tiradas de livros, ampliadas, molduras simples. Os retratos habitam a casa, a grande casa. Com eles Hilda Hilst fala todos os dias, todas as noites, madrugadas, todo o tempo. Mas só com o olhar. Às vezes uma palavra. A foto do pai, a foto da mãe. “Meu pai foi um homem belo”, diz observando a foto num porta-retrato dourado. Hilda Hilst sempre se gostou desde criança. “Gosto muito de mim, quero sempre gostar de mim. Por favor, não tire fotos. Não quero mais ser fotografada por ninguém”. Oferece uma foto de quando tinha oito anos, feita no dia de sua primeira comunhão. Uma criança com luvas brancas segurando um catecismo, o vestido branco de seda, o véu que lhe cobre as costas, saindo da cabeça. Os olhos grandes. Luminosos. Não existem olhos mais luminosos que os de Hilda Hilst. A boca perfeita. A foto da primeira comunhão é uma viagem ao passado de Hilda, lá onde está escondida de tudo, lá onde começaram a nascer as incertezas, lá no fundo, bem no fundo da vida. “Esta foto da primeira comunhão é muito significativa para mim, de um tempo em que eu queria ser santa”. Naquela época, passava horas rezando,

chamando por Deus. As irmãs no colégio interno diziam que ela nunca seria uma santa. Mas ela queria ser santa. E as irmãs diziam, então, que ela seria santa ou demônio. Hilda Hilst era fervorosa. Lia a vida dos santos e ficava impressionada. Tinha predileção especial por Santa Margarida Maria Alacoque, que nasceu em L'Hautecour, Burgundy, na França. A santa morreu em 1690. Por cinco anos seguidos, sofreu de febre reumática. Recusou-se a casar e em 1671 entrou para o Convento de Paray-le-Monial. Começou a ter visões de Cristo e foi por ele escolhida para propagar o Sagrado Coração. Os teólogos da época não acreditavam nas aparições. Mas o povo acreditava. Santa Margarida Maria Alacoque bebia a água dos leprosos.

Hilda Hilst fala da santa e o olhar fica mais claro e ao mesmo tempo distante. Como se estivesse se procurando no fundo de si mesma, no que não existe mais. Muda de assunto e diz que ninguém explica o que é melancolia, depressão. Todos falam, livros falam, doutores falam, mas ninguém esclarece. Deus fez as pessoas com compreensão das coisas. Melhor seria que todos fôssemos autistas. Lê em voz alta alguns pequenos poemas pornográficos. E ri, ao lê-los. Palavras grosseiras. Hilda Hilst gargalha.

A série pornográfica que escandalizou tanta gente começou com o livro *O caderno cor-de-rosa de Lori Lamby*. Foi um grito de escárnio. Como se estivesse se defendendo. E mesmo nessa narrativa de deboche, ela utilizou palavras de Oscar Wilde como epígrafe: “Todos nós estamos na sarjeta, mas alguns de nós olham para as estrelas”, ao que Lori Lamby acrescenta: “E quem olha se fode!”. Faz dez anos que Hilda Hilst começou a revelar esse espírito em relação à

literatura e ao seu ofício de escrever num tempo destruído pela falta de caráter e pelas mentiras diárias dos donos do jogo literário. Na contracapa de seu livro *Amavisse*, ela assinou um poema de palavras derradeiras, de quem passou a vida recolhendo fragmentos da alma para transformar em poesia grandiosa. O poema revelava, então, o seu destino: “O escritor e seus múltiplos vem vos dizer adeus”. E dentro dos poemas de *Amavisse*, ela repetiu Bataille: “Sinto-me livre para fracassar”. Ela já escreveu que os poetas são seres irreais e absurdos. Filhos da Quimera, da Ilusão. Não há nada mais esdrúxulo sobre a Terra do que o Poeta. E nisso ela se inclui de corpo inteiro. De alma inteira. Tudo isso, no entanto, deve passar ao esquecimento. Até mesmo as discussões intermináveis que tinha com editores que teimavam em pontuar seus textos.

Diziam especialmente que ela tinha de usar ponto e vírgula. Hilda Hilst nunca teve ponto e vírgula. Não sabe nem quer saber o que é ponto e vírgula. Mas disso tudo resta uma obra grandiosa, mediúnica, luminosa, universal. Uma obra feita principalmente de poesia, porque afinal a poesia nunca deixará de existir. Sempre estará presente na vida do homem, da mulher, da criança, dos bichos, das plantas. Hilda Hilst nunca negará a poesia. Só deixou de escrever. Não quer mais se debruçar sobre um livro que ninguém lerá. Afirma: “Terminei minha obra, estou feliz”. Os olhos brilhantes sugerem fascinação. São mais que fascinação. São absoluto encantamento. Está feliz. E isso basta. Terminou sua obra. Ah, os poemas de amor. O poema que diz ter ela elaborado todos os seus sonhos em vão. A elaboração do nada, da dor. Os olhos não pedem adjetivos. Os cabelos em desalinho. Os retratos nas paredes. Todos os retratos

olham para ela. Hilda Hilst sorri um sorriso branco. Um imenso sorriso branco. Como se não fosse um sorriso. Como se fosse o espelho dela mesma. Os desenhos de sua intimidade. Os seus acenos possíveis. Os acenos que se perderam. A vida que se perdeu. A voz que pára. Os olhos que observam as sombras. E essa poesia inatingível. Esse corpo ausente. O gesto que sumiu. As palavras mortas no canto da boca. Este escritório de livros distantes. A literatura de um país sem poesia. Hilda Hilst sorri. Um gole de vinho do Porto. Guarda as frases. É inútil continuar falando. As mãos tremem rumos ausentes. Os braços são longos. Mas não se abraçam mais. Hilda Hilst rodopia em sua dança. Quer estar feliz, porque cumpriu sua missão. Toda a obra universal de Hilda Hilst tem pedaços dela marcados em páginas de absoluta beleza, como um vaso de porcelana que se põe à janela à espera da tarde. Num texto antigo a que deu o título de “O oco”, ela afirma: “Agora que estou sem Deus, posso me coçar com mais tranqüilidade”. É essa mulher de hoje, assim mergulhada dentro de si, assim mais para dentro, como se estivesse do avesso. Certa vez ela se perguntou dentro de um poema: “E se eu ficasse eterna?”. Em outro poema, calou por dentro seu próprio destino: “Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado/ faria do meu rosto de parábola/ Rede de mel, ofício de magia”. E num poema escrito em homenagem a Garcia Lorca, ela cantou: “Ah, se soubesses como ficou difícil a Poesia”. Essas palavras valem para agora, as constatações de tantos anos, do tempo que escorreu pela face, o rosto transformado, o tempo guardado para sempre no bolso do casaco de veludo, como luas inexistentes que povoam a terra entre as árvores em sua volta. Universal, Hilda

Hilst não tem mundo para habitar, senão o desassossego, a inquietação, esse oceano noturno que sempre lhe bate à janela, visita inesperada. Vivesse Hilda Hilst num país civilizado, a história seria diferente.

AS MARGENS DA PALAVRA
E OS NOSSOS CINCO SENTIDOS

Falar ou escrever é sempre evocar e traduzir o poder da palavra. Porque é sempre o poder da palavra que nas nossas palavras se diz. É o poder da palavra que nos nossos gestos se inscreve e em nós se faz corpo com o corpo do mundo. Se “no princípio era a palavra”, como diz o Evangelho de João, um dos textos fundadores do amor na tradição ocidental, essa palavra que era, no princípio, é também, de acordo com o mesmo Evangelho, uma palavra que se fez carne na Babel de línguas em que a nossa identidade se viu e se vê fragmentada.

Quando o Fausto de Goethe tentou traduzir este primeiro versículo de João, passou pela tentação de o reformular na seguinte afirmação: “no princípio era o pensamento”. Mas depressa se apercebeu de que, mais do que o pensamento, o espírito ou o sentido, era antes a acção que traduzia a força da palavra, abandonando, por isso, aquela primeira equivalência.

Marcados, talvez, pelo dualismo entre corpo e alma e pela necessidade de estabelecer a correspondência que esse dualismo postula, habituámo-nos demasiado a pensar a palavra como instrumento do pensamento. E, mesmo ao operar a distinção entre significante e significado, facilmente se insinuou nessa distinção o

primado do significado na definição do significante. Como se este fosse o leito de um rio a dar forma às evoluções significativas dos conceitos que nele corriam. E, ao mesmo tempo que se privilegiava o pensamento veiculado pela palavra, elegia-se o espírito como seu interlocutor e seu mais dignificado intérprete.

Contra essa corrente e o movimento que ela desenha no relevo que a configura, gostaria agora de convocar as margens da palavra e os cinco sentidos em que o aceno dessas margens em nós se afirma na materialidade e na corporeidade do seu gesto. Não como filósofo da palavra, que não sou, mas na qualidade de artesão da palavra como todos, de algum modo, pretendemos ser.

Resgatando as margens da palavra e os cinco sentidos em que as recebemos, invocaria, em primeiro lugar, o sabor da palavra. Porque, afinal, as palavras têm sabor e é saboreando-as que as sentimos na sua força e no seu poder. Há palavras doces e palavras amargas, para além da doçura ou do amargor das coisas que nas palavras se dizem. Como há palavras com mais ou menos sal, mais ou menos picantes, apetitosas, apaladadas. Talvez por isso, orquestrar as palavras na escrita ou no discurso seja um pouco como cozinhar: fazer uma alquimia dos sabores. É doce a palavra romã, mesmo quando a romã não é doce, como é doce a palavra jasmim, a palavra nardo ou a palavra lua. Menos doce será talvez a palavra livro, a palavra régua, a palavra número. Mas mesmo o que é menos doce pode ser doce consoante a sua composição. E como nem todos têm o mesmo gosto, nem todos sentem a doçura ou o sal das palavras do mesmo jeito. Mas todos lhes sentem, decerto, algum sabor.

Gostaria, depois, de invocar os contornos das palavras, a sua cor, as suas formas, a beleza do seu rosto, a geometria do seu desenho. Quantas vezes a beleza de uma frase não depende da elegância das palavras que a constituem e do desenho que com elas se faz?... Quantas vezes o seu equilíbrio não resulta da proporção que se estabelece entre um conjunto de palavras circulares, como a palavra bom ou a palavra paz, e um conjunto de palavras triangulares, como a palavra rio ou a palavra música?... As palavras que vemos são actores que entram em cena no teatro do discurso e tal como os actores se movimentam, também as palavras evoluem e compõem figuras no seu palco que é o palco formado pelo corpo de quem as diz: é o teatro das palavras que mostra, mesmo sem os nomear, o drama ou a comédia do mundo e da vida. E quantas vezes ainda se não pintam os textos com a paleta de cores que as palavras nos oferecem?... Uma palavra que se vê não é pois, apenas e só, uma palavra que se lê, mas, também e ao mesmo tempo, uma palavra que se desenha por detrás do desenho que fazem as suas letras.

Mas para além do sabor e da forma, as palavras têm também o seu aroma, o seu perfume. Ora mais intenso, ora mais suave. Ora mais puro, ora mais poluído. Como há também palavras que enjoam e outras palavras que inebriam. E se a água pura não tem cheiro, a palavra água pode ter o cheiro que a água não tem. Como a palavra linho ou a palavra areia. Do mesmo modo, a palavra pão pode não cheirar a pão e a palavra pomba pode ter o perfume da rosa e a rosa o perfume da pomba. As essências das palavras não são as essências dos conceitos e a procura de uma palavra perdida pode ser a procura do seu perfume nos frascos em que se decanta a sua memória.

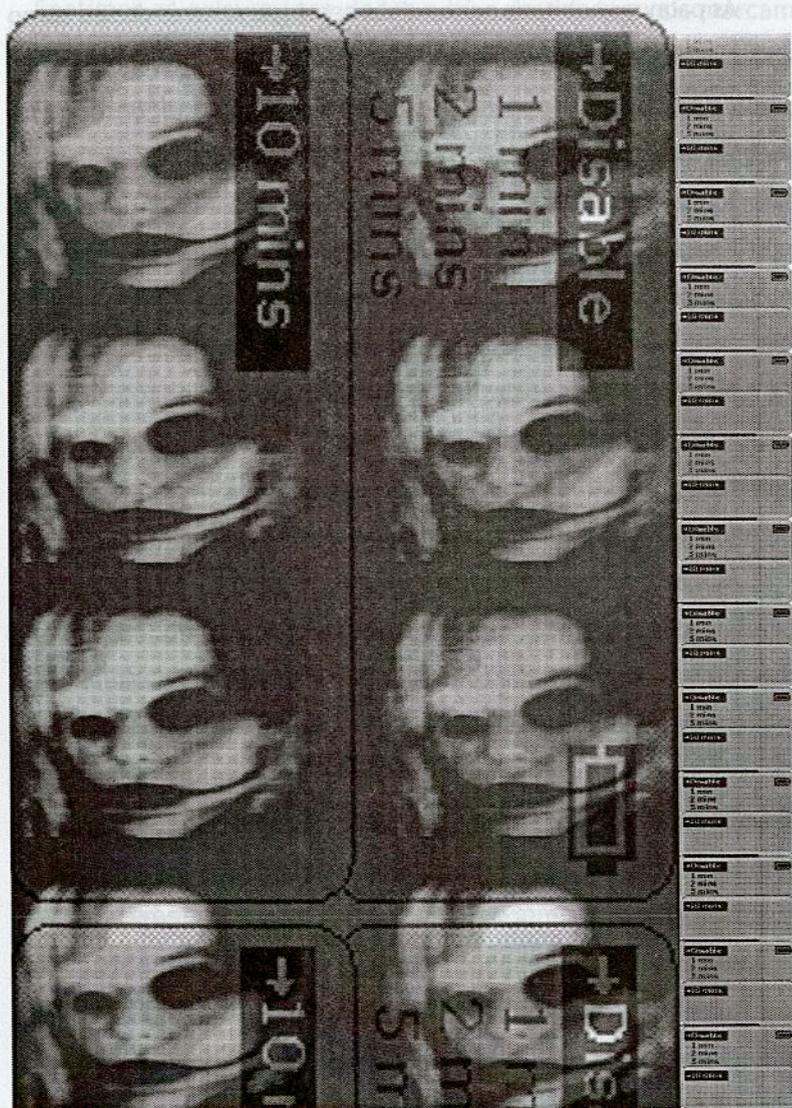
Mas as margens das palavras são também o seu corpo. A sua pele. O que delas se oferece ao nosso toque e ao nosso tacto. Sentimos as palavras nos dedos e há palavras que nos marcam o rosto como um ferro em brasa ou como a brisa ligeira com o sal da maresia. Algumas palavras poderão ser ásperas e rugosas, como a palavra terreno ou a palavra carregar. Outras macias ou aveludadas, como alvor, luar ou mesmo sussurro. Algumas, apesar das arestas, tocam-nos tão de leve como uma pena: é o caso de rumor. Outras, embora lisas, não têm a doçura daquelas que lhes são mais próximas, como acontece com espera em relação a esperança. É na pele das palavras que nos encontramos com elas e é também por essa pele que elas respiram, para que com elas respiremos. tocar as palavras é saber a sua textura, sentir as suas carícias, amá-las no seu desejo. É, por vezes, despi-las na sua nudez, ou vesti-las com o linho, a seda ou o veludo das nossas metáforas.

E que dizer do que das palavras nos chega através do ouvido? São música, harmonia, magia de sons as palavras em que nos dizemos. Mas também podem ser ruído, desconcerto, desatino. Falar é como encenar a dança das palavras, no seu ritmo, no seu compasso, na medida ponderada do peso dos seus sons, ou no jeito descompassado do seu correr esfuziante. Têm tempos e contratempos as palavras. E têm andamentos diferentes nos diferentes andamentos em que as compomos e em que nelas recompomos o andamento do nosso corpo: por vezes *andante*, por vezes *adagio*, outras *allegro* e também *allegro ma non troppo*. Em certos momentos não somos nós que dizemos as palavras, mas as palavras que se dizem em nós como se fossem sons de uma flauta

ou acordes de um violino que se soltassem no ar entoando o seu hino à alegria e a sua ode à libertação.

As palavras habitam-nos os cinco sentidos. Através do seu corpo e das suas margens. E, assim, também, através da sua memória. Porque a margem das palavras é ainda a sua memória. Memória de alegria e memória de dor. Da escrita de vencedores e da escrita de vencidos. Nas palavras dos heróis e nas palavras das vítimas. Essa margem é o peso da sua história. Que se articula com a nossa memória e com o peso da nossa memória mas que se não reduz a ela, porque a palavra não é egocêntrica, nem antropocêntrica, nem etnocêntrica. A dança das palavras é um movimento contínuo de descentração nos gestos fragmentários em que elas se constituem. Saber as palavras é também saber as múltiplas memórias que as palavras transportam na eternidade efémera do seu fulgor.

As margens das palavras passam, pois, pelo corpo que nelas se prefigura. Mas, talvez mais do que o corpo ou os corpos que invocamos, a margem, por excelência, da palavra é o silêncio. Porque o silêncio não é a negação da palavra: é a luz que lhe dá cor, o ar que respira, o horizonte em que se desenha, o fundo de que emerge a sua música, o espaço da sua criação. É no silêncio que as palavras têm nome, porque é no silêncio que as palavras se geram e é para o silêncio que elas confluem, como é no silêncio que se fecundam e multiplicam. Falar “em nome da palavra” é falar em nome do silêncio e invocar o poder da palavra é invocar o poder do silêncio. Só no silêncio se acende o brilho da palavra, mas também só a palavra pode dizer, sem a dizer, a infinita plenitude do silêncio.



1 minuto, Alexandre Mestre

*Só no silêncio se acende o brilho da palavra,
mas também só a palavra pode dizer,
sem a dizer, a infinita plenitude do silêncio.*

João Maria André

Mas o que é que se projecta a partir desse não-lugar onde o silêncio rigidamente resiste à materialidade e autoridade das palavras? Possibilidade do não-dizer da linguagem? Metáfora da impossibilidade de ser corpo? Sossego desacompanhado? Empréstimo da resistência e auto-preservação? Que silêncio é esse, que habita e reclama simultaneamente a urgência política das palavras? Que silêncios se nomeiam secretamente, palavra-insular impulsionada e rasgada pelos sobressaltos dos sentidos?

No silêncio, a palavra apura-se em extensão mítica, mas, ainda assim, de soberano silêncio. Goza da noção de fecundidade transbordante, mas sempre solidão, esconderijo, medo: lá, nesse espaço *entre* palavra e vida, refúgio da irreversibilidade, mentira, *pureza* e negação. Silêncio, essa palavra-branca na página-branca.

Em função do silêncio, cada um de nós encara também os rostos-fantasmas dos seus próprios medos: medo da resignação, medo da ce(n)sura ou do julgamento, medo do re-conhecimento,

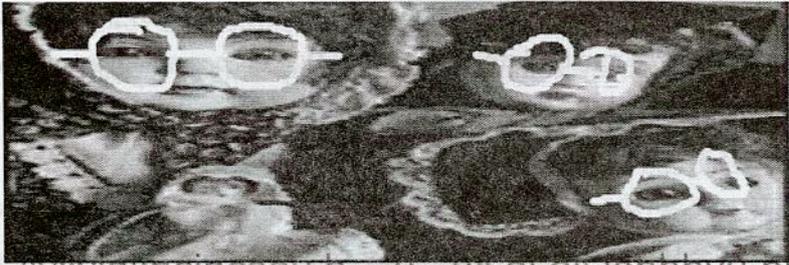
do desafio, da destruição. Mas acima de tudo, penso, receio da visibilidade, sem a qual não conseguimos verdadeiramente ficcionalizar a palavra.

No processo de reconhecimento da fisicalidade das palavras, das suas vontades íntimas e das suas forças intrínsecas, as prioridades e omissões da linguagem recordam-me o arrependimento, por vezes o esquecimento, dos meus silêncios. Re-escrever, questionar, re-inscrever e suspender a palavra (ou ser-palavra) significa, tantas vezes, revitalizar medos. No entanto, os fantasmas das (nossas) palavras marginais não nos visitam continuamente em sobressaltos sombrios, de quase-dor – preâmbulo da minha morte autorial e criativa. Só o silêncio final é a morte dos sentidos das palavras. Porque não cristaliza. Porque não é voz que telefona, marca encontro e pergunta: disseste tudo o que é importante e urge dizer, ou traíste-te nos teus rituais de pequenos silêncios, enquanto esperavas as palavras deslocadas das suas margens para o teu núcleo falacioso dos sentidos; ou então, ainda, enquanto te reconfortavas nas palavras de outros corpos, principalmente aqueles que não foram ditos? Ou porque é(s) silêncio?

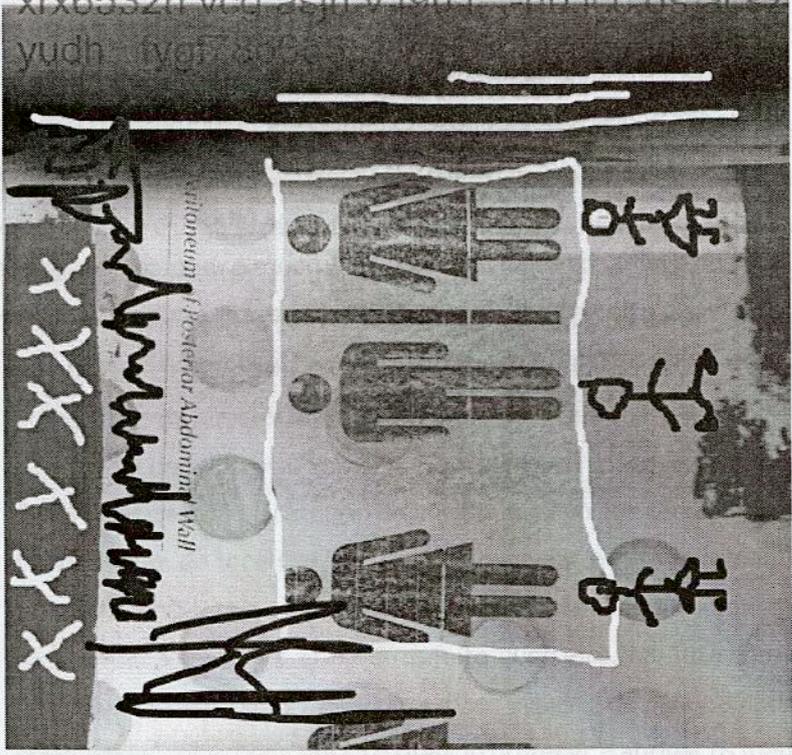
Apesar de ser, tantas vezes, preferível não ter medo, ou escolher como lugar-seguro o santuário do mutismo, julgo que reconhecer a possibilidade de localizar o silêncio e negociar o assombramento sob uma perspectiva transformacional de acção é agora e sempre re-inventar a força e a arma do sujeito-guerreiro, em luta com a ausência e a negação. E quando o espaço visceral da palavra não é preenchido, como pode então o silêncio proteger e abrigar os meus sentidos? Até, mesmo, os meus medos?

Quais as palavras que ainda não tenho? Quais os potenciais condensados no absoluto da omissão? Que corpos ameaçados não me representam? Que quase-palavras interrompem o meu grito? Quais as tiranias que engulo dia após dia, tentado a fazê-las minhas, até que um dia adoço e morro, num silêncio final, vítima dessas mesmas tiranias do silêncio, e eu ainda em silêncio? Talvez a minha palavra-armas seja a face de um dos vossos medos. E, claro está, tenho medo desta passagem mágica, em que me escrevo, porque a transformação do silêncio em linguagem e acção é um (p)acto de auto-revelação, de auto-determinação e de responsabilização. Contudo, aprendi que podemos ser voz quando temos medo, da mesma forma que podemos ser voz quando estamos afónicos ou cansados. É que aprendemos socialmente a respeitar mais o medo do que a vontade dos sentidos das palavras. E enquanto esperamos a força das palavras, espreguicemo-nos, uma última vez, sem medo, até que o peso dos nossos silêncios se espante e redescubra o alento e o alvoroço desse nada que permite a transição, a criação: o medo-já-palavra na minha voz, a transformação do teu silêncio.

escrevemos), a voz que — em rigor — é a própria leitura, adverte



ijvjjvakncincsay h u dij oj oij ionbbyu ni
ffvmbv ui i k yy g d d 3 iom w gfg bzcw
uiou okn fkrht jhnfb usi 4ei48 j kj mdgd77
dvyuji3f0c lkj 54 xec bhb yj ,mkj8ik jh55
xrx6532h vcg asjn y f0u i nb lcc ds acsz
yudh rvgf



mkj8ik, Alexandre Mestre

A esquizofrenia da leitura

— PROLEGÓMENO À REABILITAÇÃO DA LOUCURA

A leitura é um acto de loucura, de insanidade consentida sociopoliticamente. Quando se lê, quando se mergulha num romance, num poema, num ensaio, num jornal, nasce em cada um, como que brotando do fundo do ser, como uma chama que, indómita, tudo suspende à sua chegada, uma voz — a voz do texto — que da mesma maneira provoca uma suspensão do pensamento-de-si e assim interroga o postulado da sanidade; o postulado que domina a nossa cultura, da verdade, do juízo, do rigor operatório, onde todos os desvios são actos loucos, tresloucados, deslocados, condenados... É a sanidade entendida como recusa da esquizofrenia, da fragmentação do *próprio*, do *si*; uma espécie de “esquizofrenia existencial” (forma já de si esquizofrénica de o dizer) que nasce no fundo da nossa solidão de leitura — porque ler é sempre um acto de solidão, uma experiência profundamente e irremediavelmente solitária, mesmo quando lemos no meio da multidão (anonimato completo) ou em voz alta (dicção do texto, procura infinita de *ganhar voz*, de nos afirmarmos — talvez ouvirmos?! — a *nossa própria voz*) — e vem a i-romper e a iludir as barreiras da saúde, da sanidade, da regularidade. A leitura, a voz da leitura, a voz que se ouve na nossa cabeça enquanto lemos (e enquanto pensamos, e enquanto escrevemos), a voz que — em rigor — é a própria leitura, acontece

então (porque a leitura é acontecimento, é acontecer de um texto pela primeira vez, é escrita de um texto sobre outro texto [Barthes], mesmo que não seja a primeira vez que se lê: e não será sempre a primeira vez, de cada vez, a cada momento, a primeira vez que se lê, que se aprende a ler, que se soletra o texto – uma espécie, já, de gaguejo criativo [Bernstein]?) como uma voz esquizofrênica, in(an)terior ao próprio, ao mais próprio do próprio que seria o pensamento, embalando-o, seduzindo-o, enfeitando-o como o canto sirenaico – a voz, o canto das sereias [Blanchot] – que, sibilinoso, nos amarra à âncora que mergulha no mar e nos traz a perdição... aquela que, a partir do momento em que o ouvimos, desejamos: a loucura que é loucura bendita, desejada, amada, perseguida, mas que, para continuar a apelar e a con-vocar, tem de permanecer estranha, inatingível, sempre escondida no para além do nosso olhar...!

A leitura faz-nos *ouvir vozes* – as do texto –, vozes que nascem e vivem na nossa própria cabeça, vozes que nos interditam a convivência com os outros na presença do seu chamamento, mas que nos ditam uma solidão literária sempre ambígua: numa só voz **solitária** – a nossa, a minha, a que eu quero que, talvez um dia, possa ser minha; talvez um dia eu a ouça, a minha própria voz, como hoje ouço as sereias... – **muitas vozes silenciosas** – as das palavras, da gra(fono)logia, a entoação do *mise en scène* do texto, dos sentidos do discurso... Ouso tentar novamente: numa só voz solitária, muitas vozes silenciosas [Derrida]. Na minha cabeça, no meu próprio pensamento, no pensamento da minha leitura, muitas vozes se fazem ouvir, e nelas, a minha *própria voz* torna-se (faz-se,

modula-se) uma *voz-outra*, uma voz estrangeira, estranha, sempre desconhecida, que oiço, de cada vez, pela primeira vez. Como se fosse sempre o momento da primeira palavra, do primeiro pensamento, do primeiro ai da sanidade...

— e nunca chego a ouvir a minha própria voz... —

Sempre, em cada momento, escuto o eco distante e cavernoso da minha própria voz e, na solidão da leitura, é a voz do outro, dos outros outros, do outro Outro, é a voz da língua, aquela que oiço, que escuto e à qual obedeco (respondo, procuro responder, ouvir sem ouvir o canto das sereias [Blanchot] ou então destapar os ouvidos e ouvir o canto mágico em toda a sua intensidade, vivendo-o, experienciando-o na vocação profunda da experiência, mesmo que seja a da morte, a do fim do ouvido, da sua explosão celestial — corremos sempre riscos!... —) numa doce lamúria de obrigado, de condenado a dizer sim, a agradecer o dom da língua, a pedir perdão pela ousadia de pretender articulá-la, de ousar — pobre sombra *chamada gente* [Campos] — poder dominá-la! [Lévinas, Derrida]

E a loucura sempre a ameaçar, a fazer-se ouvir em cada instante de leitura (e por que não também, em cada instante de escrita, à medida que a língua nos dita o que escrever, o que dizer, numa posição senhorial de anterioridade sem tempo — arquioriginária — de nobreza sem mácula; sempre a ensinar, a fazer evocar, a vocar, a ditar a impossibilidade de ser e de poder arriscar — ousar — dizer “eu”...), a acompanhar-nos, a rasgar-nos as pretensões egológicas, as pretensões personalistas. Sempre a fragmentação do eu como estilhaço atirado para a auto-estrada do sistema; como caco de um cristal estalado com o timbre agudo da soprano (voz do texto);

sempre uma visão louca do mundo, uma paradoxologia antagónica, em conflito, em polémica permanente, que nos transforma em boneca de trapos nas mãos de duas crianças possessivas, sucessivamente amada e retalhada, puxada e lacerada, acarinhada e abraçada, beijada e abandonada à triste sorte num baú de recordações infantis... sempre esta loucura a ditar-nos o ser, a enlouquecer-nos na aparência da sanidade [Brandão]. Sempre a loucura da alteridade, da diferença, do outro, do estrangeiro, do diferente, a enlouquecer a nossa identidade, a obrigar ao esforço de identidade, a obrigar a monumentalizar o nome, o nosso próprio nome, a obrigá-lo a fazer-se, a ir-se fazendo, *aqui e agora*, sempre, a cada passo...! Sempre a responsabilidade a aumentar [Dostoievski], a exigir-nos o que é impossível de dar, a pedir-nos os bens e a fé, os anéis e os dedos, desmesuradamente, infinitamente... loucamente.

Na minha voz, na doação dessa voz que brota em mim, de mim, em desatino, imbuída de uma espécie de desejo metafísico do Outro [Lévinas], de desejo que não é falta mas excedente, excesso (loucura), escuto o rumor de vozes ancestrais, vozes fantasmagóricas que me habitam [*Húmus*], que habitam o meu ser, aquele que quero que seja meu, tal como o meu pensamento...; vozes que povoam os meus sonhos, que dão vida às minhas leituras, que dão timbre, um *tom* singular, ao meu pensamento, àquele que chamo *meu*, às palavras que pronuncio, que balucio em cada dia com a insegurança da primeira vez. Em cada dia, a primeira palavra. A primeira sequência de sons entendível pelos outros (será que alguma vez, algum dia, nos perceberemos uns aos outros,

verdadeiramente, sem ruído, sem equívoco, sem desvio?). Todos os dias a procurar captar a frequência de emissão certa, mas esquecendo sempre o ruído, as vibrações do canal, a desadequação do ouvido (órgão físico, complexo, sensível mas rígido, brutal, violento, com martelo, bigorna e estribo) às “doçuras (diríamos?) metafísicas” do som apaixonado a exalar aromas para um olfacto obstipado...

Uma loucura saudável esta... — dirás! — Talvez!... Uma loucura que é uma cura louca, uma louc(a)cura (e não foi a leitura também e sempre entendida, lida, como espaço de katarsis, de prazer, de consolo, de cura para as doenças, as maleitas da alma, do espírito? [Agostinho]). Uma loucura consentida pelo político, pelo espaço público, sempre tão receoso da diferença (mesmo em democracia), da diferença de opinião, da diferença de posição, da diferença do estrangeiro, do louco [Sá-Carneiro]... uma diferença ditada, antes de mais, na própria voz, no *timbre*, no *tom*, ainda antes da diferença do rosto, do olhar, da expressão, da impressão digital; ou ainda: da religião, da “raça”, da cor, do sexo, do gosto sexual, do número, da filiação política, do gosto intelectual. Uma diferença mais antiga, mais remota que o eu, que eu a dizer eu, que chega de um temp’outro, antes do tempo, para além dele: uma abertura do tempo; o tempo em fuga de si próprio, o tempo em *destinerrância*, em desatino agónico, a ir, ou melhor, a vir, a chegar, a produzir-se como acontecer, que está sempre a chegar, que está, ainda todo, a fazer-se, por fazer. Uma espécie de destino disporano (e a loucura da linguagem continua, a quebrar, a fender, a abrir palavras que são chagas das outras palavras, que são lanças na carne do texto, a

sangrar a gramática, a sintaxe, a semântica), que parte a disseminar-se pelo mundo, chorando e lamentando o Encoberto por vir, sempre porvir, que nunca antes foi, que nunca existiu. Saudade de um passado que nunca existiu, esquizofrenia existencial do ser, a leitura como experiência dá-nos a pensar a fragmentação do próprio sobre o canto mágico do outro que chega na Palavra maravilhosa que apela, que intriga (e é, desde logo, intriga [Ricoeur]), que prende, que seduz, que embriaga e condena à responsabilidade infinita de ir-sendo!

A loucura da leitura, vozes que ouço no texto, que me lêem, que me dão a textura das palavras, que entoam as palavras, dando-lhes rostos, expressões, sentidos ocultos nas correntes que as prendem umas às outras na frase (e não terá sido sempre desta dimensão da linguagem, da língua como leitura, que se alimentou sempre a oratória e a retórica?) são as vozes também dos outros que escrevem o texto comigo, daqueles de quem me esqueço ao escrever, ao falar, mas que habitam as cavernas, as encostas silenciosas e nocturnas dos elos que compõem a malha do texto, mas que, por vezes, aparecem à tona, à superfície, como que a lembrar que sem eles, sem esses vozes que escrevem os textos — os de toda a gente — a literatura, a poesia, a filosofia, não existiriam! Vozes escondidas no texto, vozes que na apropriação que faço delas quero que sejam minhas, que sejam *a minha voz*, mas que, a todo o momento, me fazem tropeçar, cair, enrolando-me nos seus fios, obrigando-me a tentar uma direcção em cada texto [Antolín], obrigando-me à responsabilidade e à árdua tarefa de procurar arranjar uma dicção, uma voz, que responda ao apelo

que me fazem, aquele que ouço no meu pensamento, para emprestar a voz ao marulhar das palavras que, como ondas, se enrolam na areia, lá longe...

– Que oiço? – As sereias... sim... talvez as sereias, ou um texto a dar o seu primeiro vagido!

André Soares de Moura	5
Angelo Maritta	7
Fernando Aguiar	12
João de Matos	17
Portirio Al Brandão	21
Michael Franco	23
Sarah Bridges	25
Ana Draz	31
Ana Cristina Pereira	35
Angela Canes	37
Carla Vaz	39
Carlo Ruas	43
Cláudia Pinto	45
Conceição Riachos	47
Daniel Matos	51
Gracia Capinha	53
Heikka Kähkönen	57
Hugo Amaral	59
João Rasteiro	61
Jorge Vaz Mendes	63
Liliana Vasques	65
Luís André Cruz	67
Luís Fazendeiro	69
Margarida Amorim	71
Miguel Sousa Santos	73
Natália Teles Nunes	75
Paulo Dias	79

estrangeira que adormeceu, que morreu, que chegou, que se foi, que se foi a
enquanto eu, pobrezinho, que me vejo, que me vejo, que me vejo, que me vejo, que
viu sempre por vir, que nunca antes foi, que nunca existiu, que nunca
de um passado que nunca existiu, que nunca existiu, que nunca existiu, que nunca
mas um, que nunca existiu, que nunca existiu, que nunca existiu, que nunca existiu,
próprio sobre o certo, que nunca existiu, que nunca existiu, que nunca existiu,
maravilhosa que apela, que intriga, que é, desde logo, intriga
[Ricoeur], que prende, que seduz, que embriaga e condena à
responsabilidade infinita do ir-sendo!

A palavra de leitura, vozes que ouço no texto, que me lêem,
que me dão o teatro das palavras, que entoam as palavras, dando-
lhes vozes, expressões, sentidos ocultos nas correntes que as
preendem antes as vozes na frase (e não terá sido sempre desta
dimensão de linguagem, da língua como leitura, que se afirmou
sempre a oratória e a retórica?) são as vozes também dos outros
que escreveram o texto (e não são aqueles de quem me esqueço ao
escrever, de (eles) mas que habitam as cavernas, as encostas
silenciosas e ricas das vozes que compõem a matilha do texto,
mas que, por vezes, aparecem à tona, à superfície, como que a
ponderar que sem eles, sem essas vozes que escrevem os textos
os de tona e gente – a literatura, a poesia, a filosofia, não
existiriam vozes escondidas no texto, vozes que na apropriação
que faço delas (que não sejam minhas, que sejam a minha voz,
mas que, a todo o momento, me fazem tropeçar, cair, enrolando-
me nos seus fios, obrigando-me a tentar uma direcção em cada
texto (Ricoeur), que se agitam à responsabilidade e à árdua tarefa
de punir a palavra, uma palavra, uma voz, que responda ao apelo

Índice

Editorial	5
Andityas Soares de Moura	7
Angelo Manitta	12
Fernando Aguiar	17
João de Mancelos	21
Porfírio Al Brandão	23
Michael Franco	25
Sarah Bridges	31
Ana Braz	35
Ana Cristina Pereira	37
Ângela Canez	39
Carla Vaz	43
Carlo Ruas	45
Cláudia Pinto	47
Conceição Riachos	51
daniel matos	53
Graça Capinha	57
Helka Kähkönen	59
Hugo Amaral	61
João Rasteiro	63
Jorge Vaz Nande	65
Liliana Vasques	67
Luís André Cruz	69
Luís Fazendeiro	71
Margarida Amorim	73
Miguel Sousa Santos	75
Natália Teles Nunes	79
Paulo Dias	81

Rita Maia	83
Rita Grácio	85
Rui Caldeira	87
Sabrina Cristino	89
Salgado Amoêdo	91
Susete Fetal	93
Teresa Mota	95
Álvaro Alves de Faria	99
João Maria André	113
Hugo Amaral	119
Luís Miguel Pistola	123

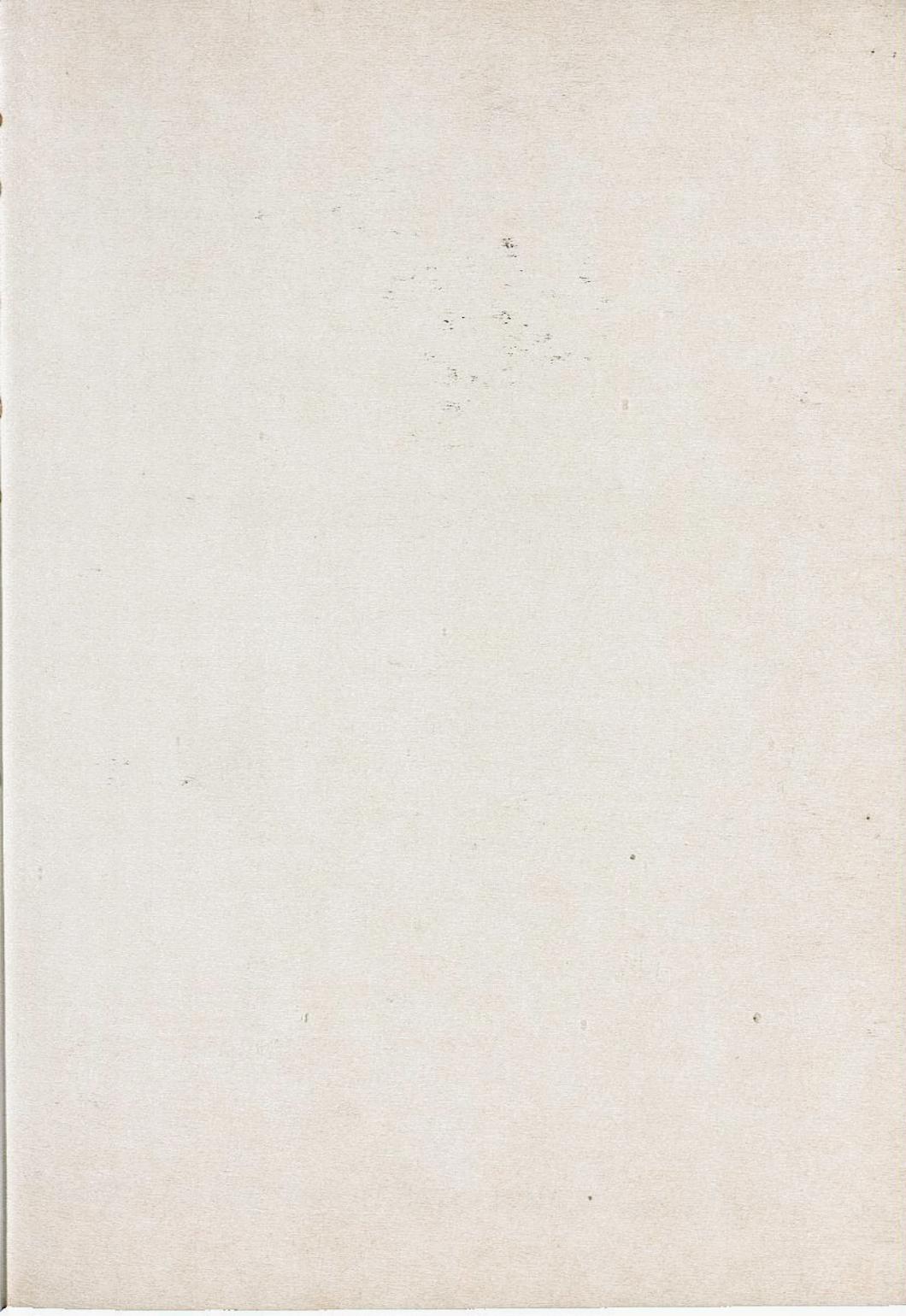


Rita Mala	83
Rita Gracie	85
Rui Caldeira	87
Sabrina Cristina	89
Salgado Amôedo	91
Susete Fidal	93
Teresa Maia	95
Alvaro Alves de Faria	99
João Paulo André	113
Hugo Amaral	119
Luís Miguel Pistola	123

ISSN 1645-3662



9 771645 366004



FIM

Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA